

Renata Define Oliveira

**REINVENÇÃO DE CARREIRA NA METANOIA:
UM OLHAR JUNGUIANO**

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**São Paulo
2012**

Renata Define Oliveira

**REINVENÇÃO DE CARREIRA NA METANOIA:
UM OLHAR JUNGUIANO**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a Rosa Maria Farah.

**Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**São Paulo
2012**

Ao meu querido companheiro de jornada, Léo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a duas mulheres marcantes na minha vida, pela força e apoio, minha mãe Lolô e minha avó Helô.

Agradeço aos professores que me marcaram ao longo da faculdade, principalmente a Téia que no meu primeiro dia de aula discursou sobre o objetivo da faculdade de psicologia era fazer com que o indivíduo na formatura se sentisse diferente do momento que entrou na faculdade.

Agradeço aos meus amigos Fábio, Marcelo e Eduardo pelas ricas trocas que tivemos ao longo do curso.

Agradeço aos mentores da minha transição: Edmundo Barbosa e Cristina Alessandrini

DEFINE, Renata. REINVENÇÃO DE CARREIRA NA METANOIA: um olhar junguiano. 2012. Orientador: Profa. Rosa Maria Farah.

RESUMO

Este trabalho procura lançar um novo olhar sobre o processo de transição de carreira e sobre como ele se insere no processo de individuação, sob a ótica da psicologia analítica, no mundo contemporâneo. Para tanto, será apresentada uma pesquisa teórica sobre o mundo do trabalho e seu significado ao longo dos tempos e na atualidade, sobre os fundamentos teóricos da psicologia analítica ligados ao processo de individuação, sobre as principais características da metanoia e o impacto na reinvenção de carreira.

Palavras-chave: significado do trabalho, transição de carreira, reinvenção de carreira, psicologia analítica, metanoia, meia idade.

DEFINE, Renata. REINVENTION OF CARRIER DURING METANOIA: a Jungian perspective. 2012. Orientador: Profa. Rosa Maria Farah

ABSTRACT

This paper seeks to launch a new look at the process of career transition and how it fits into the process of individuation, of the perspective of analytical psychology in the contemporary world. To do so, it will be presented here, a theoretical research on the world of work and its meaning over time and today, on the theoretical foundations of analytical psychology related to the process of individuation, on the main characteristics of metanoia and the impact on reinvention of career.

Keywords: meaning of work, career transition, career reinvention, analytical psychology, metanoia, middle age.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 O TRABALHO E SEU SIGNIFICADO.....	15
1.1. A profissão como eixo central da identidade.....	15
1.2. Etimologia da palavra trabalho.....	16
1.3. História do trabalho e evolução do conceito.....	19
1.4. Pós-Modernidade.....	27
2 PRINCIPAIS CONCEITOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA.....	34
2.1. Psicologia analítica, linhas gerais e conceitos principais..	35
2.1.1 Psique.....	36
2.1.2. Consciência.....	37
2.1.3. Inconsciente pessoal.....	39
2.1.4. Complexos.....	40
2.1.5. Inconsciente coletivo.....	41
2.1.6. Arquétipos.....	43
2.1.7. Self.....	47
2.2. O processo de individuação e a busca de inteireza.....	48
3. CARACTERIZAÇÃO DA METANOIA E A BUSCA DO SI-MESMO.....	54
3.1. Etimologia.....	54
3.2. A meia-idade segundo autores das teorias do desenvolvimento adulto.....	55
3.3. A metanoia segundo a psicologia junguiana.....	58
4 REINVENÇÃO DA CARREIRA NA MEIA-IDADE.....	64
4.1. Sentido do “reinventar” a carreira.....	64
4.2. Reinvenção de carreira como processo.....	65
4.3. Encontrando significado na reinvenção de carreira.....	69
4.4. A reinvenção de carreira na prática.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87

INTRODUÇÃO

Ao iniciar o processo de escolha para o trabalho de conclusão de curso, pensei que poderia ser interessante abordar a mudança de direção na vida profissional, como elemento relevante de influência no processo de individuação. Escolha essa talvez baseada na minha própria história de vida. Aos 30 anos, depois de ter me formado em Administração de Empresas e trabalhado por 10 anos no mercado financeiro, resolvi dar uma guinada, voltar para a faculdade e cursar psicologia.

Quem não conhece ou já conheceu alguém inteligente e talentoso que, de repente, resolveu mudar de carreira, alguém que perdeu o interesse ou a paixão pelo que fazia e decidiu buscar novos desafios, alguém que depois de anos e anos no mesmo emprego chegou à conclusão que aquele ciclo tinha chegado ao fim e que era chegado o momento de se reinventar?

Histórias assim (reais) permeiam nossa cultura, são recorrentes em nossa sociedade. Mas o que está por trás delas, qual seu pano de fundo? O que motiva as pessoas a desencadear esse movimento em busca do novo, em busca do desconhecido, o que, muitas vezes, pode parecer um salto no vazio? Quais as características da crise da meia-idade que nos fazem repensar toda uma vida?

É fundamental, aqui, ressaltar a profissão como eixo e pivô da identidade. A relação sujeito-trabalho ocupa um lugar central no projeto de vida que cada um constrói para si. Já na adolescência, precisamos escolher qual a profissão “para o resto da vida”, mas a verdade é que isso não se esgota num ato único. A escolha é um processo que se desenrola ao longo da vida do indivíduo, podendo caracterizar-se por rupturas e continuidades, estabilidade e mudança, progresso ou retrocesso.

Em nossa sociedade, o trabalho aparece como um valor fundamental, imediatamente após a família, como mostra uma pesquisa citada por Hélène Garner e Dominique Méda em *La place du travail dans l'identité des personnes* (Acesso em 15/05/2012), na qual também fica evidente que o número de pessoas para quem isso é assim, é nitidamente mais expressivo entre pessoas que trabalham e

estudam, e aumenta proporcionalmente com a idade. Claro que os valores correlatos, ou seja, aquilo que o trabalho proporciona, também tem sua importância. Mas o ponto central parece ser o indicado por Rodolfo Bohoslavsky (1977): “*A identidade ocupacional é a autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis ocupacionais*” (p. 30). Para ele, há um caráter estrutural, relacional, onde algo é definido a partir da interação.

O trabalho como um dos principais constituintes da vida humana também foi objeto de reflexão de Hannah Arendt. Em sua obra *Condição humana* (1958), ela procura responder à pergunta: o que estamos fazendo? E a partir de três categorias – o labor, o trabalho e a ação, ela procura compreender a condição desta vida que é a nossa, tendo como eixo central de análise as atividades humanas, por ela chamadas de vida ativa.

O labor, segundo a autora, corresponde ao processo biológico do corpo, sendo assim parte integrante da própria vida.

O trabalho, ao contrário, não está contido no processo vital. Ele diz respeito ao *homo faber*, que cria coisas, a partir de elementos naturais, coisas estas (mundo artificial) que se interporão entre ele e o mundo natural.

A ação “*é a única que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, e tem como atributo criar a possibilidade para o exercício da liberdade e, conseqüentemente, a instauração do novo.*” (Moises, 2006). Desenvolveremos melhor suas reflexões no **Capítulo 1**.

Para nossa reflexão, aqui, parece relevante uma diferença: a primeira escolha profissional do indivíduo se faz como adaptação ao mundo externo, enquanto a segunda escolha diz respeito a um projeto interno e ao processo de individuação. Esse processo será objeto de análise mais detida no **Capítulo 2** deste TCC.

Como, em geral, a orientação dada aos profissionais foca com mais ênfase a construção de identidade, passando pelo conhecer a si mesmo e pelo significado do trabalho na vida de cada um, na tentativa de compreender esse aspecto recorreremos à psicologia analítica, mais especificadamente à visão do ser humano em sua totalidade, e ao processo de individuação. Principalmente por que o ponto central desta reflexão é a questão da metanoia, indissociável do processo de individuação.

A psicologia analítica, linha de pensamento e trabalho desenvolvida por C. G. Jung, também é designada pelo nome de psicologia complexa, por ser uma orientação psicológica que se ocupa de fenômenos psíquicos vistos de sua complexidade, sem reduzir fenômenos complexos a meros elementos. (Silveira, 1997, p. 34)

Estamos falando de uma psicologia das possibilidades, ao contrário da teoria freudiana, segundo a qual não há desenvolvimento, só estrutura. E dentro dessa concepção do ser humano como uma obra sempre em construção, dinâmica, sinônimo de processo, é que entra o conceito de individuação.

Conceito-chave da teoria junguiana, ela é o processo de criação e distinção do indivíduo, o processo pelo qual alguém vem a ser alguém in-diviso, não dividido – como o *apeiron* ou o ser uno dos pré-socráticos ao qual nos referimos acima. Esse processo está relacionado à realização de si mesmo, por levar em conta os elementos contraditórios e conflituais que formam a “totalidade” psíquica, consciente e inconsciente, do sujeito. Ou seja, uma unidade autonomia e indivisível – um indivíduo.

Nesse processo de individuação, a pessoa vai se conhecendo, retirando suas máscaras, retirando as projeções lançadas anteriormente no mundo externo e integrando-as a si mesma.

“[...] é um processo mediante o qual o homem se torna o ser único que de fato é.” (Jung, 1987, p. 50)

Jung (1984) entende a individuação como um processo que significa tornar-se um ser único, alcançar uma singularidade profunda, tornando-se o próprio si-mesmo. Não se trata de um processo fácil e simples, e nem ele ocorre linearmente. Esse é um processo doloroso, difícil, e que se faz em um movimento circunvolutório direcionado a um novo centro psíquico, o *self*, sendo ele o objetivo da pessoa inteira, a realização de sua individualidade.

Introduzidas brevemente as referências para tratar das questões de identidade e trabalho, o próximo passo é apresentar os autores que abordam o ciclo vital e suas características.

Mas quais autores? Como comentado no início desta Introdução, antes de definido o viés de discussão deste TCC, abria-se um leque de possibilidades. Como

selecionar os autores, quer dizer, a partir de quais critérios? Qual seria o período mais interessante de se observar? Seria a adolescência, período de grandes mudanças físicas, cognitivas, emocionais e de julgamento moral; momento onde se escolhe o que se quer ser pelo resto da vida? Ou seria mais interessante olhar para o indivíduo de 35-40 anos, que já passou pela experiência da faculdade, já fez a primeira escolha de trabalho, mas resolve mudar completamente de rumo e experimentar outras coisas? Ou ainda o sujeito no processo de individuação e seu período da metanoia junguiana, a metade simbólica da vida, quando a pessoa tem uma série de questões para considerar e conferir novo significado a suas escolhas?

Diante dos muitos estudos e literatura sobre o adolescente, parece mais interessante produzir conhecimento em uma área que não fosse tão explorada, de onde a intenção de explorar melhor a natureza do desenvolvimento adulto. Num primeiro momento, num leque bem aberto, que iria dos 30 até os 50 anos.

Um autor que aborda o chamado ciclo vital é Erik Erickson (1968). Segundo sua teoria psicossocial, a personalidade não é um estado, mas sim um processo que,

[...] está sempre mudando e se desenvolvendo: na melhor das hipóteses, é um processo de diferenciação crescente que se torna ainda mais abrangente à medida que o indivíduo vai se tornando cada vez mais consciente de um círculo crescentemente mais amplo, de outras pessoas que são significativas para ele, desde a pessoa materna até a 'humanidade'. O processo 'inicia-se' em algum momento durante o primeiro encontro verdadeiro entre mãe e bebê, enquanto duas pessoas que podem se tocar e reconhecer-se mutuamente, e só 'termina' quando se dissipa o poder de afirmação mútua do homem. (Erickson, 1968, p. 23)

Em seu livro *Identidade, juventude e crise*, Erickson (1968) deu uma grande contribuição ao caracterizar as fases pelas quais passamos, e as definiu como as "oito idades do Homem" – estágios pelos quais evoluímos e damos significado às nossas vidas. Erickson trabalha seus conceitos sempre em dualidades, cada estágio representando temas e dilemas específicos. Tipicamente na idade do jovem adulto (20 a 35 anos) e adulto (35 a 65, aproximadamente), os temas vividos giram em torno de "identidade *versus* confusão de papéis, intimidade *versus* isolamento, generatividade *versus* estagnação". O tema na vida adulta – "generatividade" *versus* estagnação e auto-absorção – envolve criatividade, produtividade e procriação e,

portanto, a geração de novos elementos, como também novos produtos e ideias, incluindo o tipo de autocriação preocupada com a identidade pessoal.

Outro autor que aborda o ciclo vital é Daniel Levinson (1978) em seu livro *The seasons of men's life*. Ao conceitualizar ciclo de vida, ele parte de duas ideias centrais: (1) jornada e (2) estações.

(1) A ideia de processo ou jornada é de um ponto de partida (nascimento/origem) e um ponto de chegada (morte/conclusão). De um modo em geral, todos obedecemos, somos submetidos a um padrão universal, o qual apresenta variações culturais e individuais. E o caminho de cada um de nós será influenciado e moldado em função de novas vivências. Alguns são mais rápidos, outros mais lentos, mas sempre seguindo uma sequência básica.

(2) A segunda ideia que o autor traz é a ideia de estações, períodos ou fases que fazem parte do ciclo da vida. Ele ressalta que esse processo não é nem simples e nem contínuo, no entanto cada uma delas tem características específicas. O trabalho de Levinson (1978) tem como foco principal processo de desenvolvimento do que ele chamou de “*mid-life decade*”, são indivíduos entre 35 e 45 anos de idade¹.

Durante a pesquisa para este trabalho, esteve sempre presente o questionamento sobre haver ou não algo mais profundo, mais fértil, algo que fosse além da orientação para uma determinada profissão.

Esse questionamento resultou na seleção de autores contemporâneos que têm um outro olhar sobre a questão da mudança de carreira e seus significados.

William Brigdes (2001) consultor e professor da Califórnia, EUA, e ex-presidente da “Association for Humanistic Psychology”, em seu livro *The way of transition, embracing life's most difficult moments*, aponta como acontece o processo de transição profissional em nossas vidas e como lidar com esse momento de grande dificuldade. Para ele, mudar é a única maneira de proteger o que quer que seja que exista. Sem um contínuo reajuste, o presente não tem como continuar. E transição, por outro lado, é o processo de deixar ir o que somos e nos apossarmos do que está por vir. No meio entre o deixar ir e o se apossar há uma zona caótica e também potencialmente criativa, chamada de zona neutra.

¹ É importante frisar que essa classificação muda, sendo muitas vezes estendida até os 58 anos.

Segundo Brigdes (2001), o que tememos é o período de transição, e não a mudança; é o período que vai do momento de abrir mão do meu eu atual, até encontrar o meu novo eu. É a partir dessa visão que o autor descreve como ajuda seus clientes a passarem por essa fase escura.

Outra autora que fala sobre carreira e transição é Hermina Ibarra, professora de comportamento organizacional do INSEAD [Instituto Europeu de Administração de Negócios], na França. Em seu livro *Working Identity: unconventional strategies for reinventing your career* (2009), a autora foge do senso comum; suas pesquisas mostram que uma transição feita com sucesso é aquela que acontece dando-se um passo de cada vez, com base em acerto e erro, na experimentação e na experiência incremental.

Ao contrário do que costuma afirmar o senso comum, a transição de carreira não tem como jornada uma identidade pré-determinada, ela é construída por meio da experimentação dos nossos muitos eus. Em termos gerais, a autora propõe três formas de trabalhar nossa identidade: primeiro, experimentando novas atividades profissionais, depois interagindo com novo “*networking*” e, por último, buscando o que faz sentido dentro das possibilidades que estão emergindo.

O método utilizado neste trabalho será o de pesquisa teórica, como indicado em sua estrutura. A intenção principal é gerar dados que possam servir de apoio para profissionais que acompanham o indivíduo nessa fase de redirecionamento, na qual dúvidas sobre o que fazer com sua carreira exercem enorme pressão. Profissionais como psicólogos, orientadores profissionais, *coaching* e outros, que procuram ajudar, auxiliar e orientar, com a finalidade de promover saúde.

Objetivos

- Apresentar o pano de fundo da reinvenção de carreira: reflexão sobre o mundo do trabalho e seus significados ao longo do tempo e na atualidade.
- Refletir sobre a transição de carreira na meia-idade, sob a perspectiva analítica.
- Sugerir um novo olhar para a ligação entre a transição profissional na meia-idade e a metanoia como processo integral do indivíduo.

- Gerar dados que possam servir de ferramental para profissionais que acompanhem o indivíduo nessa fase de redirecionamento, na qual dúvidas sobre o que fazer com a carreira exercem sobre ele enorme pressão: profissionais como psicólogos, orientadores profissionais, de *coaching*, e outros que procuram ajudar, auxiliar e orientar, com a finalidade de promover a saúde e o bem-estar da pessoa que atende.

Método

O método utilizado neste trabalho será o de pesquisa teórica. Entende-se por metodologia um conjunto de técnicas, processos e abordagens. Por isso, apesar de, aqui, privilegiarmos a pesquisa teórica, efetivamente ocorre uma mescla com os demais tipos, já que, como bem lembra Pedro Demo (2000, p. 22), nenhuma delas se basta, é fechada sobre si mesma ou esgota o objeto de sua busca.

Pesquisar, sabemos, significa procurar respostas para questões precisas. Se a pesquisa científica é um trabalho voltado para a resolução de problemas, por meio de processos científicos, a pesquisa teórica é aquela, basicamente, que analisa uma determinada teoria, ou que busca chegar a respostas por meio de determinada teoria. Assim, ela é a pesquisa “[...] dedicada a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos” (DEMO, 2000, p. 20).

Ou seja, ela tem como objetivo ampliar generalizações, definir leis mais amplas, estruturar sistemas e modelos teóricos, relacionar e enfeixar hipóteses e discussões correlatas, reconstruir referenciais. Diferentemente, por exemplo, da pesquisa aplicada, que tem como objetivo investigar, comprovar ou rejeitar hipóteses sugeridas pelos modelos teóricos, ou da pesquisa exploratória, cujo objetivo é a caracterização inicial do problema, sua classificação e de sua definição (ela é o primeiro estágio de toda pesquisa científica), a pesquisa teórica não “[...] implica imediata intervenção na realidade” (Demo, 1994, p. 36). Sem por isso, no entanto, perder em importância, uma vez que ela é o *a priori* que permite o conhecimento teórico pertinente, que, por sua vez, “acarreta rigor conceitual, análise acurada, desempenho lógico, argumentação diversificada, capacidade explicativa” (Demo, 1994, p. 36).

1 O TRABALHO E SEU SIGNIFICADO

1.1. A profissão como eixo central da identidade

Ao longo da vida, vivemos momentos em que fazemos escolhas referentes a qual tipo de trabalho ou atividade queremos exercer. A primeira escolha acontece na adolescência (18-19 anos), época das primeiras reflexões relativas à definição da faculdade ou profissão. Nessa fase, a incerteza ainda é via de regra importante, e surgem muitas dúvidas sobre qual o melhor caminho a optar. A escolha pressupõe, por definição, que o jovem abrirá mão de outras hipóteses e/ou atividades, em favor daquela profissão que, supostamente, será a sua por muitos anos.

Durante o período de transição para o mundo adulto, vamos testando a nós mesmos nesse fazer, nos revelando melhor, e em alguns momentos nos deparamos com perguntas e dúvidas, relativamente à escolha feita na juventude. Na meia idade – que começa, segundo a classificação de Levinson (1978), que adotamos neste trabalho, por volta dos 35-42 anos –, com frequência alguns indivíduos pensam em mudar de carreira, por não se sentirem realizados com a escolha feita na juventude. Outras pessoas sentem-se frustradas e infelizes, e ainda há profissionais que ainda estão na fase da busca de novas formas de exercer uma atividade.

Carreira é ao um só tempo a atividade e o conjunto de nossa vida profissional. Mas é, ao mesmo tempo, mais do que isso. Ela é o resultado de um processo, uma trajetória na qual a pessoa vai retrabalhando um projeto ou projetos. Esse processo que se alimenta do que a pessoa tem como conteúdo latente se modifica na medida em que o indivíduo muda. Quanto falamos de reinvenção de carreira, estamos nos referindo a esse momento de repensar, recriar a escolha feita quando jovem. É um momento de reelaborar a identidade profissional.

A referência central desta reflexão será o conceito de trabalho como eixo e pivô da identidade. Como mencionamos na **Introdução** deste trabalho de conclusão de curso (TCC), a relação sujeito-trabalho ocupa um lugar central no projeto de vida

que construímos, e já precocemente, na adolescência, somos levados a definir qual o trabalho que faremos até o fim de nossos dias! Mesmo ressaltando-se que essa escolha é um processo e não um ato estanque.

Neste capítulo, começaremos pela etimologia da palavra trabalho; em seguida, faremos um breve resumo de sua história e desenvolvimentos, para passar ao tema do trabalho na Pós-Modernidade, focando a concepção de Hannah Arendt, formas de organização de trabalho, por Alain Touraine, e visões de sua importância, na visão de Guichard, para concluir com a noção de trabalho como sofrimento, por Freudenberg. O fio condutor será a evolução do conceito.

1.2. Etimologia da palavra trabalho

Segundo Bueno (1988) por exemplo, a palavra trabalho foi associada a uma experiência “*dolorosa, padecimento, castigo e cativo*”. (p. 25). Essa concepção tem como base uma determinada interpretação da etimologia, segundo a qual a expressão teria tido origem no vocábulo latino *tripalium*, denominação de um instrumento de tortura formado por três (*tri*) paus (*palus*). A própria palavra estaria, assim, associada a um instrumento de tortura e punição. O instrumento compunha-se de uma armação de três troncos entrecruzados que eram colocados no pescoço de alguém, de modo a nele produzir desconforto. Seria o substituto da cruz, instrumento de tortura no mundo cristão.

Mas apesar de boa parte da comunidade linguística aceitar que esses termos tenham dado origem às palavras "trabalho" e "trabalhar", vale observar que no sentido original, em latim, o "trabalhador" seria o carrasco, e não a vítima. Ou seja, o "trabalhador" seria a pessoa que coloca o instrumento de tortura, que faz o gesto. E não aquele que o sofre.

Tal interpretação é confirmada, se recuarmos ainda mais no tempo e, portanto, na origem do termo. Veremos que o *tripalium* corresponde ao trabalho feito nas fazendas: tratava-se de um dispositivo de contenção utilizado para ajudar no trato com os animais, mas ele era sobretudo útil para ferrar, marcar com ferro em brasa, ou em intervenções veterinárias dolorosas. Segundo o *Dictionnaire historique de la langue française* (éditions Robert), para um romano ele tinha esse uso, mas é

na Idade Média que ele se torna um instrumento de suplício. O dicionário fala ainda da pertinência histórica do cruzamento etimológico com *trabacula*, pequena trava, viga, designando um cavalete de tortura: *trabaculare* significa torturar, e “trabalhar” significa “fazer sofrer”. Ou seja, “trabalhador” é aquele que impinge sofrimento.

Só no final da Idade Média é que a palavra *tripaliare* (nova expressão) passa a significar “torturar sobre o *trepalium*”, armação construída por três troncos, suplício que substituiu o da cruz no mundo cristão.

Foi preciso esperar até o século XVI, para se poder utilizar a palavra trabalho, em vez de obra ou de labor. À obra do homem artista e livre, ao labor do homem pressionado por outro ou pela natureza, acrescentou-se então o trabalho ao ritmo da máquina, do engenho. Seguidamente, a palavra “trabalhador” teve seu sentido deslocado para agricultor e operário. No fim do século XIX, os três últimos termos mal se distinguiam entre si.

Assim, o que uma determinada interpretação da palavra *tripalium* reteve foi a de instrumento de tortura, no caso o gancho de três pontas cuja função é a evisceração ou a retirada e exposição das tripas, região de intensa dor e de lenta agonia. É verdade que tal instrumento existiu, e que era assim chamado. Mas não podemos desconsiderar que, para esse uso, ele foi criado e utilizado durante a Inquisição promovida pela Igreja Católica, o que não elimina, evidentemente, sua origem e uso anteriores.

Atualmente, muitos são os que discordam de tal etimologia. A leitura do trabalho como dignificação e atividade passível de dar prazer e/ou algum tipo de retorno subjetivo se adapta à doutrina calvinista, mas não só. A base teórica dessa discordância é a raiz grega, primeira menção do conceito que, mais tarde, seria forjado e carregado de interpretações. Quando um grego das épocas Arcaica e Clássica usa a expressão ‘culto’, ela tem a conotação que nos remete à agricultura: cultivar o espírito (entendido como ‘mente’), fazer sua lavoura. Uma pessoa culta é aquela que cultivou (*ta erga*) seu espírito (mente), que revolveu a terra, a arejou, nela lançou a semente do conhecimento (veja-se definição a seguir, citação de verbete de dicionário de Filosofia, na qual fica claro o entremear das noções de trabalho e *erga* em sua conotação de agricultura). Mesmo ressaltando-se a conceituação de Aristóteles, em sua *Política*, que, ao fazer a defesa da escravidão

natural, em oposição à escravidão pela força, fala de trabalhos produtivos nos *ergastola*.

Quanto à vertente cristã, que séculos depois de surgir se bifurcaria em duas, diametrais, ela também recorre, em seus primórdios, à expressão grega. No evangelho de João, a palavra *ta erga* figura como pena. Essa noção se cristalizaria como a visão católica do trabalho, ligada sem dúvida à doutrina de produção de riqueza (passível de culpa, nesse ideário), no conhecido maniqueísmo que, curiosamente, viria a ser posteriormente adotado pela doutrina comunista-socialista, de capital *versus* trabalho, estendendo-se obrigatoriamente a patrão *versus* empregado, vitimizando a mão-de-obra. No outro extremo, o conceito protestante de trabalho, pertença ele ao viés luterano, pertença ele ao calvinista: o trabalho enobrece, liberta e enriquece. Não por acaso, Max Weber (1964) faz desse pensamento o eixo de sua reflexão sobre a produção de riqueza sem culpa, como mola propulsora da economia e riqueza dos países nos quais predomina a religião protestante, como a Alemanha, ou os Estados Unidos.

Retomaremos com mais detalhes essa discussão mais adiante, na parte de evolução do conceito de trabalho.

Vejamos o que diz o dicionário de Filosofia da Larousse, de autoria de Didier Julia (1991/2011). Transcrevemos parte do verbete, que me parece dar conta de todos os aspectos da expressão:

Trabalho, esforço regido por uma regra [ou lei].

O trabalho se opõe ao *jogo*, à brincadeira, que é uma atividade desinteressada; ele se distingue do *esforço*, que pode ser desordenado; ele se caracteriza por seu caráter de obrigação (trabalhamos por dever, por necessidade social) e, sobretudo, por sua forma de ação regulamentada (horário fixo, controle do trabalho ou do resultado). Todavia, em alguns casos, o trabalho corresponde à vocação de um indivíduo, a suas tendências mais profundas (criação artística, filosófica ou científica): do ponto de vista psicológico, ele não se distingue, então, do jogo, da brincadeira. Apesar de a noção de trabalho evocar, de modo privilegiado, a ação física sobre o mundo (agricultura), ou em uma máquina (trabalho industrial), o esforço intelectual, a pesquisa teórica, o ensino, a direção de uma empresa ou de um Estado representam igualmente um trabalho: de compreensão, de síntese, de direção. Há trabalho enquanto [e onde] houver 'responsabilidade' social, ou simplesmente criação verdadeira. [...]. (Julia, 1991/2011, p. 284-285)

1.3. História do trabalho e evolução do conceito

Cortella, (2011) em *Qual a sua obra?* faz um relato histórico do significado do trabalho ao longo do tempo. Segundo o autor, o trabalho teve tanto o significado de tortura e castigo (*tripalium*, em latim), quanto de forma de criar e realizar uma obra (*poiesis*, em grego).

Antes de prosseguir com as considerações de Cortella, vejamos mais de perto a expressão grega e seus correlatos.

Phronesis = sagacidade, disposição que em geral é traduzida como “sabedoria prática”, voltada para a ação (*praxis*).

Praxis = ação ou atividade, por oposição à produção criativa (*poiesis*). Sua finalidade é imanente ao agente, ou seja, a finalidade é interna.

Poiesis = criação ou produção que visa a um fim, diferentemente das outras duas ações. É a ação de fazer em função de um saber, é a produção de um objeto artificial, fora do agente: uma obra. O ato é produção, técnica (*techné*), por isso, quando o objeto é produzido a ação cessa. Aquilo que um agente produz é externo a ele. Nesse sentido, a ação é desvalorizada, relativamente ao objetivo, ela vale menos do que o objeto produzido. Ela é alienação (conceito tão caro a Marx) e visa só ao produto.

O saber prático (*phronesis*) é voltado para a ação (*praxis*) e é nesta esfera que reside a possibilidade de realização de si mesmo, pois a finalidade desse agir está inscrita no próprio agente, não é externa a ele, como no caso da produção (*poiesis*). A palavra *poiesis* vem de *poiéo*, que significa “fazer”.

Aristóteles distingue a produção da *praxis*. Como tem sua finalidade inscrita dentro de si mesma, ela não acaba, é contínua. A possibilidade da felicidade (realização de si mesmo, atualização das potencialidades) resulta da atividade (*praxis*). Sem confundir atividade contemplativa – da inteligência – com um trabalho. É importante lembrar que esta é uma filosofia da liberdade, a filosofia do mestre que pensa, que contempla e que não executa um trabalho produtivo, nem está preocupado em dominar ou transformar a Natureza. O princípio da *praxis* é o ser

humano enquanto intelecto: como a *praxis* não tem um objeto fora de si mesma, estamos falando do agir pelo agir, que se basta.

Resumindo, para Aristóteles a vida é essencialmente ação (*praxis*) e não produção (*poiesis*) (Política, I, 4, 1253b 27- 1254a 8), isto é, atividade cujo fim não é externo ao Homem, mas que consiste no contínuo aperfeiçoamento e cumprimento das potencialidades humanas através da educação, do *habitus* e do exercício das virtudes. O hábito tem na filosofia aristotélica um papel preponderante, pois, como dizia o filósofo, já que não se pode mudar a natureza humana, é preciso tratar de mudar seus hábitos.

Referindo esse ponto ao tema central deste trabalho, talvez o hábito seja um dos elementos centrais do esforço de mudança, numa situação de crise que leva ao rompimento com um determinado trabalho ou profissão. Afinal, o trabalho remunerado, na forma de profissão, é certamente a atividade na qual melhor e mais exercitamos o hábito, como rotina.

Outro aspecto importante para nossa discussão, presente no pensamento de Aristóteles, é o conceito de capacidade de nos aperfeiçoarmos, de atualização das nossas potencialidades. Quando uma carreira se constrói contrariando essas potencialidades do sujeito, em geral ela vai gerar uma crise, e não uma realização interna.

Vimos o conceito de *poiesis* em Aristóteles. Quanto a Platão, em seu *Banquete* Diotima afirma que a luta pela imortalidade pode ocorrer em três tipos de *poiesis* – a natural, por meio da procriação sexual; na cidade, por meio da realização da fama heroica; na psique, mediante o cultivo da virtude e do conhecimento.

Por fim, a bela concepção de Heidegger, que em seu *O ser e o nada* se refere a ela como “alumbramento”, no sentido mais amplo da palavra. Recorre às imagens trazidas pelos versos do poeta Friedrich Hölderlin, do florescer de uma flor, do eclodir do casulo de uma mariposa de seu casulo, da queda de uma cascata quando a neve começa a derreter. Por meio dessa analogia, Heidegger ressalta o momento de êxtase que se produz quando algo se converte.

Retomamos agora as considerações de Cortella. Na Antiguidade e na Idade Média, diz ele, o "trabalho" era exercido pelas camadas mais baixas; quem "trabalhava" eram as pessoas destituídas de posses, como camponeses, artesões

etc. Sabemos, contudo, que a filosofia grega privilegia a atividade intelectual e política: a excelência humana se faz com o intelecto, e não com as mãos. A base teórica é a famosa *Teoria das 4 causas*, em que, supondo-se uma cama, a causa material é a madeira; a causa formal é o formato de cama que a madeira recebe; a causa eficiente é quem dá forma de cama à madeira (artesão); e a causa final é quem encomendou a cama de um determinado formato, porque conhece sua finalidade. Ou seja, não é um simples desprivilegiar da mão de obra. Como veremos mais adiante, em Platão, por exemplo, a divisão em três partes das tendências internas de cada cidadão se espelha na divisão em três partes da cidade, que funcionará melhor se cada cidadão exercer a atividade respectiva à sua tendência natural. Nada muito diferente da “alienação” e/ou da angústia decorrente de um trabalho imposto e que contraria o que se gostaria realmente de fazer.

Na Antiguidade, aqueles que haviam perdido sua liberdade passavam a ter um trabalho atribuído. Em geral, essa perda de liberdade devia-se a conquistas – de onde a reflexão de Aristóteles, sobre a diferença entre escravidão por natureza e pela força. Dessa forma, por vezes e em algumas situações, o trabalho era um fardo. Claro que não podemos, ainda, falar de indivíduo, tão caro à Psicologia, pois o conceito sequer existia, naquele pensamento. Sabemos que ele só aparece no século XIX, por isso não convém transportar anacronicamente o conceito a uma época na qual ele não tinha lugar, olhando com óculos contemporâneos um quadro de vida e de pensamento de há quase trinta séculos.

É com a doutrina comum aos três monoteísmos – judaísmo, cristianismo e islamismo – que tem início uma nova fase na história da humanidade. O trabalho, na doutrina judaico-cristã, sobretudo, é uma punição ao pecado original. A Bíblia atribui ao trabalho o sentido de obrigação, dever e responsabilidade.

O judaísmo traz consigo a ideia que trabalho é castigo, desde a época de Adão e Eva, que desobedeceram à divindade. Segundo o relato religioso judaico, Adão e Eva se dão conta de terem traído a divindade porque estão nus; e devem trabalhar para se sustentar, alimentar, abrigar seus corpos. No catolicismo nascente, o trabalho ganha a conotação de fardo penoso, porque os teóricos da Igreja precisavam de um discurso que fosse atraente aos dominados, rebanho numérico que lhes interessava.

É interessante lembrar, ainda, um mito grego dos mais importantes, e que nos fala do trabalho. Zeus decide castigar os humanos porque eles eram orgulhosos e arrogantes. Prometeu decide então roubar uma centelha do fogo divino e dá-la de presente aos humanos, pois Zeus havia decidido não mais deixá-lo disponível. Resultado: Zeus fica furioso e manda que se construa um ser novo, através do qual o trabalho será introduzido como castigo. Esse ser é lindo e sedutor. Trazida à Terra e aceita como presente, com ela vem a retaliação divina. Curiosa, ela abre uma ânfora que não deveria e todos os tipos se espalham sobre a terra, tornando a vida dos homens uma sucessão de amargas aflições. Dali em diante, não só os homens deixam de ser imortais (precisarão da mulher, para se eternizar), como perdem as benesses da Natureza (precisarão cultivar a terra, para se alimentar). (Stephanides, 2004).

Ou seja, a primeira citação formal do trabalho, em toda literatura ocidental, é relacionada a uma imposição.

Voltando à linha do tempo. Na Idade Média, constatamos uma mudança significativa no conceito de trabalho. Ocorre uma pequena ruptura no domínio rural, como única forma de trabalho. Em decorrência do crescimento das cidades surgem os feudos, onde tem lugar uma relação servil de trabalho. No feudalismo, a relação escravo-senhor, da Antiguidade, é substituída pela relação servo-senhor – o primeiro paga e trabalha a terra, e o segundo é dono e recebe por ela, mantendo-se portanto a antiga relação de dependência. No século XIV, com o advento das cidades e feudos, o trabalho passa a ter o sentido genérico que lhe atribuímos hoje, qual seja, o de "aplicação das forças e faculdades (talentos, habilidades) humanas, para alcançar um determinado fim". (Cortella, 2011, p. 20)

Veremos a análise crítica e profunda desse aspecto mais adiante, em Hannah Arendt.

Vale notar que a época medieval se limitou a transportar no tempo a divisão em três partes que Platão fez da cidade, com três respectivos tipos de agentes sociais: governantes, guerreiros e produtores. Essa tipologia é a simples expressão externa dos três elementos dominantes em nossa alma: a razão; o coração ou coragem (onde residem a cólera, a impulsividade, o sentimento de honra); e as pulsões passionais.

Como diz Platão, no livro 11 da *República*, a gênese do Estado não se baseia em pactos ou contratos, mas naquilo que poderíamos chamar de sistema das necessidades, ou na interdependência universal em que se encontram os homens ou, em termos platônicos: o Estado nasce porque o indivíduo não é autossuficiente.

Tanto no quadro da psique quanto no político, o fundamento dos elementos constituintes será Eros, o universal impulso amoroso. Cada pessoa é dotada de todos os três elementos, mas não na mesma proporção. Um deles terá sempre mais peso, determinando uma classificação dos seguintes tipos:

- os que amam o prazer e riquezas, dominados, portanto, pelas paixões;
- os que amam as honras, as vitórias e a dominação, subjugados pelo coração;
- e, por fim, aqueles que preferem a pesquisa e o saber, amorosos da verdade.

Com esses elementos, Platão constrói então o sistema político no qual cada um poderá realizar sua aspiração predominante. Essa divisão se reflete na cidade, onde a tripartição também é aplicada. Evidentemente, o governo da cidade deverá ficar a cargo dos que amam a verdade e o saber; a guerra caberá aos que preferem guerrear; as atividades manuais aos que têm essa tendência predominante.

Em sua rápida passada de olhos sobre as diversas concepções de trabalho, Cortella (2011) também ilustra as diversas visões sobre o tema e cita alguns filósofos. Resumindo, segundo ele, na Antiguidade – procurei apontar anteriormente uma visão crítica a essa concepção – e na Idade Média, o trabalho é visto como castigo e sofrimento, e também como atividade manual e física. Os filósofos gregos concebem o Homem como ser pensante e racional, capaz de criar sua obra, mesmo sem a concepção moderna de transformar o mundo e/ou intervir e dominar a Natureza.

A época medieval mantém a relação de dependência: servo-senhor feudal. O surgimento do capitalismo substitui essa relação pela de empregado-patrão. Quem destaca esse aspecto de poder e submissão entre patrão e empregado é o filósofo alemão Karl Marx. Ele chama a atenção para o trabalho alienado, aquele no qual não me reconheço.

O que nos remete ao mito de Sísifo, cujo tema central é o descomedimento, a desmedida (*hybris*), a maior falta que um humano podia cometer, aos olhos dos divinos deuses, mas que também fala do trabalho repetitivo, sem sentido.

Sísifo era considerado o mais astuto dos mortais. De maneira semelhante a Prometeu, ele encarnava o ardil e a rebeldia, frente aos desígnios divinos.

Sua audácia, no entanto, motivou exemplar castigo final de Zeus, que o condenou a empurrar eternamente, ladeira acima (no Tártaro, a parte mais profunda das profundezas), uma pedra que rolava de novo ao atingir o topo de uma colina.

Em mais de um episódio, ele desafiou os deuses com seus ardis, ultrapassando assim o lugar que lhe era próprio – o humano, por definição efêmero. Desses episódios, o mais emblemático talvez seja aquele em que aprisiona Tântatos, a morte.

Certa vez, uma grande águia sobrevoou sua cidade, levando nas garras uma bela jovem. Quando o pai da moça perguntou a ele se sabia algo sobre o paradeiro da filha, Sísifo propôs a ele um acordo: ele diria o que o aflito pai queria ouvir, em troca de uma fonte de água para sua cidade. O acordo foi feito e cumprido, mas isso despertou a raiva de Zeus, que enviou o deus da Morte, Tântatos, para levá-lo ao mundo subterrâneo, o Hades. Mas o esperto Sísifo conseguiu enganar o enviado de Zeus. Elogiou sua beleza e pediu-lhe para deixá-lo enfeitar seu pescoço com um colar. Mas o colar não passava de uma coleira, com a qual Sísifo manteve a Morte aprisionada, conseguindo driblar seu destino.

Durante algum tempo, não morreu mais ninguém. O que valeu a Sísifo problemas com Hades, o soberano das profundezas, e com Ares, o deus da guerra, que precisava dos préstimos da Morte para consumir as batalhas.

Tão logo teve conhecimento, Hades libertou Tântatos e ordenou a ele que trouxesse Sísifo imediatamente para as mansões da morte. Quando Sísifo se despediu da mulher, teve o cuidado de pedir secretamente que ela não enterrasse seu corpo.

Quando chegou ao reino dos mortos, Sísifo se queixou a Hades da falta de respeito da esposa, por não enterrá-lo. E suplicou por mais um dia de prazo, para se vingar da mulher ingrata e cumprir os rituais fúnebres. Hades lhe concedeu o pedido.

Sísifo retomou então seu corpo e fugiu com a esposa, enganando a Morte pela segunda vez.

A metáfora do castigo imposto a Sísifo é de um trabalho rotineiro e cansativo: um castigo para mostrar a ele que *“não há castigo mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança”*, como disse Camus (1942) em seu *O mito de Sísifo*. No qual afirma ainda:

Já todos compreenderam, que Sísifo é o herói absurdo. É-o tanto pelas suas paixões como pelo seu tormento. O seu desprezo pelos deuses, o seu ódio à morte e a sua paixão pela vida valeram-lhe esse suplício indizível em que o seu ser se emprega em nada terminar. É o preço que é necessário pagar pelas paixões desta terra. Não nos dizem nada sobre Sísifo no reino das profundezas.

Os mitos são feitos para que a imaginação os anime. Neste, vê-se simplesmente todo o esforço de um corpo tenso, que se esforça por erguer a enorme pedra, rolá-la e ajudá-la a levar a cabo uma subida cem vezes recomeçada; vê-se o rosto crispado, a face colada à pedra, o socorro de um ombro que recebe o choque dessa massa coberta de barro, de um pé que a escora, os braços que de novo empurram, a segurança bem humana de duas mãos cheias de terra. No termo desse longo esforço, medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, a finalidade está atingida. Sísifo vê então a pedra resvalar em poucos instantes para esse mundo inferior de onde será preciso trazê-la de novo para os cumos. E desce outra vez à planície.

É durante este regresso, esta pausa, que Sísifo me interessa. Um rosto que sofre tão perto das pedras já é, ele próprio, pedra! Vejo esse homem descer outra vez, com um andar pesado mais igual, para o tormento cujo fim nunca conhecerá. Essa hora que é como uma respiração e que regressa com tanta certeza como a sua desgraça, essa hora é a da consciência. Em cada um desses instantes em que ele abandona os cumes e se enterra a pouco e pouco nos covis dos deuses, Sísifo é superior ao seu destino. É mais forte do que o seu rochedo. Se este mito é trágico, é porque o seu herói é consciente. Onde estaria, com efeito, a sua tortura se a cada passo a esperança de conseguir o ajudasse? O operário de hoje trabalha todos os dias da sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que ele se torna consciente. Sísifo, roletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão da sua miserável condição: é nela que ele pensa durante a sua descida. A clarividência que devia fazer o seu tormento consome ao mesmo tempo a sua vitória. Não há destino que não se transcenda pelo desprezo. (Camus, 1942, p. 110-111 acesso em 16/05/2012)

Outra metáfora possível é que Sísifo representaria o sol, que nasce a cada dia para mergulhar a cada noite novamente no horizonte. Há ainda quem veja a personificação das marés ou das ondas, que se erguem para logo recair. Ou a

metáfora da própria vida, na qual a punição seria que não há castigo mais terrível do que o trabalho inútil e vão. O absurdo da personagem reside tanto no desespero de tentar escapar a uma morte inevitável, quanto na tentativa de cumprir um trabalho interminável.

Voltando ao fio cronológico, no século XVI, o mundo protestante e calvinista vai colocar o trabalho como continuidade da obra divina. Como comentado anteriormente, diferentemente da ética católica, na qual somente a pobreza salva, na protestante o trabalho como forma de acumulação é valorizada (Cortella, 2011, p. 20) e desculpabilizada: o trabalho enobrece, liberta e enriquece. Weber (1964) procurou encontrar no protestantismo o fator mais importante para explicar o pioneirismo inglês na Revolução Industrial. Para ele, o protestantismo puritano não foi a causa do capitalismo, mas favoreceu seu desenvolvimento; foi a força que o impulsionou, ao criar uma ética que santificava a acumulação de capital e o trabalho.

O trabalho havia sempre sido visto como pena e como degradante, adequado aos espíritos rudes e ignorantes – o belo, o bom, o desejável eram a contemplação e a ociosidade, ideais de vida das ordens religiosas e da nobreza.

Ora, o calvinismo deu ênfase à máxima de trabalhar com afinco no ofício a que Deus nos destinou e o puritanismo radicalizou. Os puritanos tinham horror à perda de tempo, e à ociosidade. Cria-se assim uma moral religiosa que santifica o trabalho, combatendo o ócio das classes superiores e o lazer das classes inferiores. O eleito de Deus passou a ser homem diligente, trabalhador. Tempo passou a ser sinônimo de dinheiro; a prosperidade e o enriquecimento lícito, a poupança, a pontualidade a herança deixada aos filhos, de virtudes.

Em seu *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber diz textualmente:

O trabalho [...] constitui o próprio objetivo da vida, assim como Deus o fixou. O versete de Paulo: 'Se alguém não quer trabalhar, que também não coma', vale para todos e sem restrições. A repulsa ao trabalho é sintoma de ausência de graça divina. [...] Nem os ricos estão liberados dessa imposição. Ao possuir riqueza, ele tampouco deve comer sem trabalhar [...]. Para resumir o que dissemos até aqui, o ascetismo protestante que atua no mundo se opôs com grande eficácia ao gozo espontâneo das riquezas e freou o consumo, em especial dos objetos de luxo. Mas, por outro lado, ele [...] rompeu as cadeias que entravavam a tendência a adquirir, não só legalizando-a, mas também [...] considerando-a diretamente desejada por Deus. Mais ainda, a valorização religiosa do trabalho sem descanso, contínuo, sistemático, em uma profissão secular,

como o meio ascético mais elevado e, ao mesmo tempo, a prova mais segura, mais evidente e de fé autêntica, pôde constituir a mais poderosa alavanca que se pode imaginar, da expansão dessa concepção de vida que chamamos, aqui, de espírito do capitalismo. (Weber, 1964, p. 208-236)

1.4. Pós-Modernidade

Passamos agora ao período dito Pós-Moderno, começando pela concepção adotada por Hannah Arendt (2006), na qual o trabalho representa um dos principais constituintes da vida humana. Como apresentado na **Introdução**, em seu *Condição humana* a autora discute, entre outros, o tema que nos interessa: “o que estamos fazendo?”. Detenhamo-nos rapidamente, retomando os aspectos principais e, para nós, aqui, mais relevantes.

Hannah Arendt é, antes de tudo, a teórica dos reinícios, da capacidade humana de recomeçar, de se reinventar. Quando se detém sobre a questão da condição humana, ela discute a relação entre trabalho e obra, mas também e ao mesmo tempo entre propriedade e riqueza, entre a terra e o mundo, entre poder, violência e força. A discussão tem como âncora a semântica, pois pesquisa e discute a etimologia dessas expressões, mas não se detém aí, não é semântica.

A autora – e esse aspecto nos interessa em especial, aqui – se debruça sobre o que chama de capacidade humana de ação. Para ela, a vida tem três dimensões, por isso ela analisa essas três formas de atividade que estão na base e no fundamento da condição humana, segundo ela.

1. O labor, que corresponde à vida biológica do ser humano enquanto animal. Essa é a atividade assinalada pela necessidade do processo biológico e que assegura, por isso mesmo, a manutenção da espécie, denotando a proximidade do homem com os outros animais; por isso, Hannah Arendt atribui esta atividade ao *Animal Laborans*.
2. O trabalho, que corresponde ao mundo dos objetos que os humanos constroem. Ele é a atividade que nos remete ao artificialismo da existência humana (mundanidade), pois, ao contrário da primeira, não está preocupada com o ciclo vital natural, mas sim com a criação de artefatos, a partir da natureza. Artefatos

estes que acabam por gerar um mundo diferente do natural, um mundo de objetos que se interpõe entre a natureza e o Homem, e entre os próprios Homens; esta atividade é atribuída ao *Homo Faber*.

3. A ação, que corresponde à nossa pluralidade enquanto indivíduos distintos. Este é a única atividade exercida diretamente entre as pessoas, sem a mediação das coisas ou matéria. É a chamada condição política. Para Arendt (2006), é aqui que se encontra a possibilidade de liberdade, enquanto capacidade de reger o próprio destino, de começar algo novo. Só a ação é tipicamente humana e pressupõe a presença de outros; por isso, ela é a condição humana fundamental.

O tema central do livro é a questão da perda do espaço público como local privilegiado e único da prática da democracia, e a diminuição do status do ser humano de ser político (que age) para *Homo Faber* (que cria) até *Animal Laborans* (que se reproduz).

Para a autora, desde a Antiguidade grega era na esfera pública que se dava a ação, ou seja, a prática da liberdade que permitia ao Homem a expressão de sua real identidade. Mas na Idade Média, essa ação, antes vista como o espaço da liberdade e da possibilidade de transcendência, perde hierarquia e se iguala ao trabalho e ao labor, passando a representar apenas uma necessidade humana entre outras, na luta pela sua sobrevivência. Nesse novo contexto, a ação se torna um mero elemento a mais.

Assim, a vida ativa como um todo passa a denotar o engajamento do Homem nas coisas deste mundo, desprovida de qualquer significado de liberdade ou de transcendência, coisas agora presentes na vida contemplativa, vista então como único modo de vida realmente livre.

Essa inversão é resultado da ascensão do cristianismo. Embora a noção de contemplação existisse, entre os gregos, ela tinha outra conotação. Valorizava-se a quietude da contemplação e da reflexão, em detrimento da ação, mas ligada à produção do saber, à busca da verdade. Mas o resultado, diz Arendt (2006), é que a liberdade migrou da ação para a contemplação.

Outra inversão: o trabalho passa, num primeiro momento, a ser extremamente valorizado. Assim, o *Homo Faber* adquire uma maior importância. E isso, explica a autora, por um motivo simples, mas não banal. Determinante: a invenção do

telescópio, que permitiu à humanidade ver o real funcionamento do universo, contrariando o que postulava a Igreja católica (a Terra como centro). Foi necessário um artefato humano para desvendar a verdade das coisas, lançando definitivamente a dúvida, quanto à capacidade dos sentidos de perceberem a realidade, e fornecendo a base para o pensamento cartesiano, de que tudo é merecedor de dúvida, e a única coisa da qual não podemos duvidar é de que duvidamos (ou seja, que pensamos).

Uma segunda inversão vai ocorrer quando o *Homo Faber* é destituído de sua importância e ocorre a ascensão do *Animal Laborans*, a mais alta posição na ordem hierárquica da vida ativa. Segundo Arendt (2006), essa inversão se dá porque a atividade política, antes revestida de um caráter imortalizador, agora desceu ao nível de atividade destinada a atender às necessidades e interesses da vida terrena. Nessa fase, qualquer aspiração à imortalidade só podia ser encontrada dentro do pensamento cristão: a vida como bem supremo, o próprio processo vital da espécie humana, que possivelmente seja eterno.

Assim, o Homem, que já havia perdido seu lugar no campo político da ação, deixa de ser reconhecido como *Homo Faber* e é degradado, na sociedade industrial, à condição de *Animal Laborans*, com a única e mera função de sobreviver. O resultado é um isolamento sem precedentes, desvinculando-o ao do mundo dos objetos e, ao mesmo tempo, dos outros seres humanos.

Resumindo, a ação passou a ser concebida em termos de fazer e fabricar (*Homo Faber*), e o fazer e fabricar passou a ser visto como apenas outra forma de labor (*Animal Laborans*).

Esse isolamento levou o Homem à perda da experiência humana e a uma conduta “entorpecida e tranquilizada”, “último estágio de uma sociedade de operários”. Segundo a autora, isso não significa que tenhamos perdido nossas capacidades, mas sim que elas estão ao alcance de poucos, já que a sociedade de massas faz que as experiências de mundanidade (de não isolamento) escapem à maioria das pessoas comuns.

Esse, o ponto que nos parece relevante: se a reinvenção de si passa, por vezes e não raro, pela recondução da carreira, do trabalho. A análise de Arendt joga luz sobre aspecto e pode nos ajudar em nossa reflexão, pois ela afirma que essa

dicotomia é reveladora da sociedade pós-moderna, na qual vivemos, e na qual as preocupações econômicas passaram a dominar tanto a política quanto a consciência de si. Ou seja, estamos falando do mal-estar do indivíduo dentro de, para usar uma expressão da filósofa, uma “sociedade de trabalhadores”.

Assim, é como se fôssemos todos pessoas sentadas à volta de uma mesma mesa: estamos reunidos e, ao mesmo tempo, separados pela mesa. A sociedade do trabalho é o pano de fundo do indivíduo em construção. Ou em reconstrução.

Ora, o que é preciso, é que saíamos de nossa imersão no trabalho e adotemos a ação. Pois essa hegemonia pós-moderna do trabalho não significa que os seres humanos deixaram de agir, de recomeçar, de desencadear novos processos. Só, diz Arendt (2006), que a ciência e a tecnologia se transformaram na arena da “ação na Natureza”.

A visão da pensadora sobre a condição humana nos lembra que os seres humanos são criaturas que agem, que atuam, no sentido de fazer as coisas acontecerem, de desencadear sequências de acontecimentos.

A milagrosa imprevisibilidade da ação é a falta de controle sobre os efeitos. A ação coloca as coisas em movimento, e não somos capazes de prever os resultados das próprias iniciativas, nem manter o controle total do que acontece quando elas se mesclam às iniciativas dos demais, na arena da vida pública. É isso que torna a ação frustrante, muitas vezes, pois seus resultados revelam-se extremamente diferentes do que seu agente tinha em vista.

Esse, nos parece, pode ser um dos ingredientes que movem as pessoas que dão uma guinada na vida profissional, envolvendo a reconstrução do eu, um recomeço, uma redefinição pessoal, uma nova forma de atuar.

A visão de Arendt nos leva a refletir que, por meio da atividade do labor, a pessoa vai se descobrindo. O que, é, portanto, uma forma de autoconhecimento, na medida em que a percepção de quais aspectos do mundo do trabalho revela mais afinidade e habilidade. Nesse sentido, o trabalho se apresenta como forma de se desenvolver e buscar realização.

Quanto a Alain Touraine (*apud* Guichard, 2001, p. 7-10), ao longo do século XX três formas de organização do trabalho foram desenvolvidas.

A primeira foi o ofício, um modo de produção próximo do artesanato, dominante no início daquele século. Nesse modelo, o trabalho se diferencia por sua “habilidade manual” e “prática”. O aprendizado normalmente se dá dentro da família, passando de geração a geração.

“O ofício contribui para a definição de identidade individual. Sendo por vezes um dos principais constituintes desta” (Touraine *apud* Guichard, 2001, p. 7-10). A aprendizagem é longa e de custo alto e, neste caso, a aptidão é fundamental. O ofício deve ser exercido ao longo de toda uma vida.

No segundo movimento, o ofício é posto de lado por duas invenções, ligadas à organização do trabalho, de Henry Ford: a montagem e a linha de produção. Em tal contexto, a noção fundamental passa a ser o emprego, o foco das atenções deixa de ser o trabalhador e passa a ser o posto do trabalho.

O processo que antes era feito artesanalmente e com detalhes personalizados, torna-se padronizado e repetitivo. Todos podem ter um automóvel Ford T preto. A principal característica desse modelo é que os operários passam a ser treinados para aquele posto de trabalho. O processo se volta para a coletividade, à qual o indivíduo é submetido.

O último movimento do século XX advém do aparecimento da informática, que alterou consideravelmente a forma de organização do trabalho. Na automação, a nova forma de laborar é designada como técnica, onde as principais qualidades do indivíduo estão ligadas a como ele se insere em uma rede.

As competências valorizadas passam a ser cooperação, a iniciativa, a responsabilidade e a excelência nos processos. A organização do trabalho é auto-formativa e de desenvolvimento ao longo da vida. Nesse período, as interações profissionais assumem a posição central, na qual as ações, as formas de comunicação e as conexões são o diferencial.

Segundo Guichard (2001), atualmente consideramos cada pessoa como uma individualidade, autônoma, responsável e capaz de independência relativa aos meios em que está inserida. Nesse sentido, seu desenvolvimento está nas mãos do próprio indivíduo, e o trabalho é uma forma privilegiada para que essa construção aconteça.

No entanto, não podemos generalizar essa forma de existência, observada no século XX, pois ela é ainda uma forma dominante nos países ricos e no mundo capitalista. No que diz respeito à visão do trabalho no eixo central da vida, há autores, por exemplo, Dominique Méda (1997, pesquisa citada na introdução deste trabalho), que argumentam que o trabalho – que aparece como valor fundamental – nem sempre é considerado a única forma de realização, nem como essencial para a construção de redes sociais. Tais autores consideram que com a crise de emprego da década de 1970, somada aos processos tecnológicos e da globalização, o trabalho perdeu seu papel central na vida humana.

Atualmente, apesar de já não estarmos mais na Idade Média, independentemente da classe social ou de questões financeiras, para alguns indivíduos o trabalho pode também ser um espaço de sofrimento. Muitos profissionais ainda não conseguem se identificar com o trabalho realizado, ou sentem-se pressionados pela cultura e metas da organização na qual atuam. Há um crescimento de casos da chamada “síndrome de *burnout*”², em profissionais. Segundo Freudenberger (1974), *burnout* seria falhar, seria se cansar e se desgastar, em decorrência do excesso de implicações e exigências de força, de recursos, de energia. Dessa forma, o sofrimento vai se manifestar por meio de uma conjunção de sintomas, desde ansiedade exacerbada, como também da excitação desta, de um enfrentamento que é racionalizado. O sofrimento surge quando a relação do indivíduo com a organização do trabalho é bloqueada.

Mario Sergio Cortella (2011) lança uma provocação que talvez faça sentido, dentro da temática central deste trabalho: ele nos desafia a trocar o significado do conceito de trabalho como sofrimento e castigo, pela ideia de “obra” ou *poiesis*, na expressão e conceito forjados pelos gregos. Como citado anteriormente, uma das leituras possíveis da palavra é *poiesis* como aquilo que eu faço, que eu construo, em que me vejo: “*A minha criação, na qual crio a mim mesmo, na medida em que crio no mundo*”. (Cortella, 2011, p. 21)

² *Burnout* é uma expressão que quer dizer “queimado até o fim”. Ele se caracteriza por uma fadiga extrema, geradora da desestabilização psicossomática, desgaste psíquico e isolamento social. Da exaustão emocional passa-se a uma síndrome do esgotamento profissional ou *burnout*, que é a representação no corpo de um “incêndio interno” que reduz o indivíduo a cinzas.

Neste trabalho de conclusão de curso, os vários sentidos atribuídos ao trabalho estarão presentes na abordagem da reinvenção de carreira na meia-idade, em busca da sua correlação com o processo de individuação, seja como sofrimento e castigo, seja como prazer e busca de integridade.

Aqui, uma observação final do capítulo, que parece pertinente.

Entende-se por crise da meia-idade a crise vulgarmente chamada “dos 40”. A expressão é usada na sociedade ocidental (já que tal crise não costuma ocorrer em sociedades orientais, como o Japão ou a Índia), para descrever o período de dúvidas e questionamentos que certas pessoas vivenciam na fase dita da “metade da vida”, ligada a uma sensação de estar passando da juventude à velhice. Algumas vezes, acontecimentos vividos nesse período, como o envelhecimento, a menopausa, a morte dos pais, o casamento dos filhos, ou sua saída de casa, podem desencadear essa crise.

Claro que intervêm aqui elementos subliminares, como o culto à eterna juventude, cultivado e difundido nas sociedades ocidentais, sobretudo mais recentemente.

Podemos citar outros, como a confusão recorrente entre trabalho digno e trabalho de destaque; ou a confusão também comum entre cansaço e estresse.

Mas nem sempre são esses os motivos – de ordem estritamente pessoal – e nem sempre é essa a franja etária. Como dito anteriormente, o foco desta pesquisa é o desconforto ou insatisfação profissional, como motor das mudanças radicais que o indivíduo promove, afetando, muitas vezes, outros aspectos da vida familiar e/ou pessoal, por ter o papel de eixo e motor. Mudança que o leva a deixar de ser prisioneiro de si mesmo, suplantando o medo, enfrentando-o. Num processo em que audácia e coragem se substituem a imobilismo e angústia, mas não se confundem com aventura e falta de planejamento.

Retomamos Aristóteles: como referido anteriormente, enteléquia é a capacidade que temos de nos aperfeiçoar. De transformar em realidade o que carregamos dentro de nós como potencialidade.

2 PRINCIPAIS CONCEITOS DA PSICOLOGIA JINGUIANA

Neste capítulo trataremos dos conceitos centrais do pensamento de Carl Gustav Jung, já que o tema central deste trabalho de conclusão de curso é a reinvenção da carreira, da ótica do processo de individuação e sua relação com a metanoia. Para Jung, a psique tem em sua constituição as instâncias consciente e inconsciente. O inconsciente, por sua vez, divide-se em pessoal e coletivo. No tocante ao seu funcionamento, valem para Jung os princípios de equivalência e compensação, que se complementam na compreensão dos aspectos dinâmicos e energéticos da nossa psique.

Segundo Silveira (1997), “[...] pode-se representar a psique como um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge uma pequena ilha (consciente)” (p.64). Essa imagem nos permite vislumbrar o quanto nossas vidas são regidas pelo imenso desconhecido composto majoritariamente de conteúdos inconscientes, mas determinantes porque latentes.

Assim, Jung usa a palavra “psique” para designar a totalidade dos processos psicológicos. Segundo ele, a psique engloba todo pensamento, sentimento, comportamento, tanto consciente quanto inconsciente. Ela funciona como um guia que regula e adapta o indivíduo ao seu ambiente social e físico. Temos a capacidade de voltar ao equilíbrio, pois somos um sistema vivo, buscamos a homeostase: se em alguns momentos estamos em desarmonia, tentamos voltar ao equilíbrio e vice-versa; ou seja, nossa maneira de existir se faz por um processo dinâmico, no qual os vários elementos da psique vão interagindo – esse processo é o ponto do pensamento junguiano que mais nos interessou. Como enunciado no início deste trabalho, nos debruçaremos sobre o tema da reinvenção de carreira como um fato criativo, aberto, e não fadado a ser estático e fixo.

Ao longo deste **Capítulo 2**, faremos uma breve apresentação do que vem a ser a psicologia analítica, e exploraremos os principais conceitos que têm conexão com o tema, dentre eles os de consciência, inconsciente pessoal, complexos,

inconsciente coletivo, arquétipos, self (e ego). No **Capítulo 3**, falaremos sobre a metanoia), explorando as noções persona e sombra, e sua relação com o processo de individuação..

A intenção desde trabalho não é promover uma discussão exaustiva das teorias junguianas. A discussão que se segue é um panorama bem sucinto de alguns dos principais conceitos da teoria e que, esperamos, sejam suficientes para a compreensão do texto como um todo.

2.1. Psicologia analítica, linhas gerais e conceitos principais

A psicologia analítica, corrente fundada e desenvolvida por Jung, a partir de 1913, é uma teoria de psicologia elaborada inicialmente em diferenciação à psicanálise, teoria freudiana. A psicologia analítica se propõe a pesquisar o inconsciente e a “alma”, ou seja, a psique individual.

Com base em uma concepção objetiva da psique, Jung estabeleceu sua teoria desenvolvendo conceitos-chave da esfera da psicologia e da psicanálise, como os citados acima. Mas é importante ressaltar um aspecto único desse pensamento, a saber, a importância que assumem os mitos, em especial os gregos. A exemplo das tradições, diz Jung, os mitos de todas as épocas e continentes são reveladores dessa base comum a todos os indivíduos e povos, o inconsciente coletivo. Eles são reveladores da psique humana.

Psique que Jung considera formada tanto por elementos da vida pessoal de cada indivíduo, quanto de representações que recorrem justamente a símbolos universais. A psicologia analítica tem como objetivo o desenvolvimento do chamado si-mesmo, por meio da descoberta dessa totalidade psíquica, através da noção de individuação.

Jung afirma que a psicologia é antes de tudo uma ciência da consciência, mas em segundo lugar ela é a ciência das produções disso que chamamos de psique inconsciente. Nós não podemos explorar diretamente a psique inconsciente, já que o inconsciente é literalmente isso: inconsciente. Ou seja, não podemos nos comunicar com ele. Digamos o que dissermos sobre o inconsciente, é nosso

consciente que está falando. A psique inconsciente, de natureza totalmente desconhecida, só pode se expressar pelo consciente, em sua linguagem. É impossível que isso seja de outra forma.

Por isso, em psicologia ninguém tem completamente razão. Segundo Jung, não podemos nunca esquecer que os meios pelos quais julgamos e observamos a psique são a própria psique.

Concluindo esta breve apresentação do conceito de psicologia analítica, uma palavra sobre o que Jung denomina as quatro funções. Segundo ele, 1) a sensação nos diz o que uma coisa existe; 2) o pensamento, o que ela é; 3) o sentimento, o valor que ela tem para nós; e 4) a intuição, o conhecimento não preciso, que não passa nem pelos sentidos nem pelo inconsciente. Por que impreciso? Porque sabemos que as coisas veem de algum lugar e vão para algum lugar, ou seja, que elas têm um passado e um futuro. Mas o conhecimento dessa dimensão das coisas no tempo é difícil de precisar, de captar. A intuição não só é difícil de descrever, como impossível de dizer como funciona. Contudo, ela existe, inegavelmente, diz Jung.

2.1.1 Psique

A palavra psique vem do grego. *Psiquê* é o sopro que nos anima. Ela é um elemento natural, físico. Para a medicina grega, nossa saúde física e mental depende do equilíbrio dos quatro fluidos do corpo (humores): os elementos frio e quente, seco e úmido. A eles vem se somar o quinto elemento, esse princípio imaterial que habita o corpo e o comanda.

Fundamental no pensamento grego, a noção de psique inspirou um mito. Nele, *Psiquê* é uma princesa tão linda que desperta a fúria de Afrodite, que ordena ao filho Eros que *Psiquê* se apaixonasse pedidamente pelo mais horrendo dos homens. Ora, o pai da moça está preocupado porque nenhum pretendente pede sua mão; consulta o oráculo, que aconselha que ela seja amarrada a um rochedo, pois ali esperará por ela uma união formidável. Assim é feito. Mas quando se aproxima, Eros fica tão impressionado com sua beleza que se fere acidentalmente em uma de suas próprias flechas e se apaixona por ela.

Ele a transporta para seu palácio, sem que ela possa vê-lo (ele é um deus, e ela uma mortal). À noite, ele vai sempre ter com ela, falando-lhe com ternura e amando-a com paixão. Mas ela nunca o vê, pois ao amanhecer ele desaparece, depois de fazê-la jurar que jamais tentará ver seu rosto. Apesar da vida de rainha que leva no palácio, ela sente falta dos seus e pede a Eros que as irmãs a visitem. Invejosas, elas enchem seu coração de medo e suspeitas. E a aconselham a matar o marido, seguramente um monstro. Quando ele adormece, ela pega uma faca e uma lamparina, mas quando ilumina o deus adormecido para apunhalá-lo, ela se assusta com tanta formosura. Sua mão treme e uma gota de óleo quente cai e o acorda. Zangado e decepcionado, ele parte voando, e com ele desaparece também o palácio e a felicidade de Psiquê. Ela se vê novamente no rochedo. Mas agora infeliz, porque ama Eros.

Ela suplica então os favores da sogra, que vai lhe impor quatro tarefas difíceis, para interceder junto do filho. Psiquê terá ajuda dos outros deuses, compadecidos de seu amor. Por fim, emocionado com a devoção de Psiquê, Eros a perdoa e os dois se casam, com a benção de Zeus, que concede a ela a imortalidade. Da união de Psiquê e Eros (metáfora da relação entre o amor e a mente), nasce a Volúpia (ou Deleite ou Bem-aventurança), expressão feminina da união entre o humano e o divino.

Como dissemos, a palavra *psiquê* significa espírito, no sentido de mente, aquilo que anima o humano. Quando ela conhece o amor, se transforma em mulher. E se desenvolve. Seu mito é o da jornada, do caminho do autoconhecimento e do amor verdadeiro, sempre cheio de perigos e armadilhas.

2.1.2. Consciência

Passemos ao conceito de **consciência**. A palavra consciência vem do termo em latim *concius*, que significa “conhecer os outros, participar do conhecimento”, ou “inteirar”. A consciência não só inclui o que sabemos, mas também saber que sabemos: *Cogito ergo sum*. A consciência implica um autoconhecimento e um senso de significado. (Brehony, 1999, p. 9).

Consciência é a faculdade de apreender e representar o que existe, de tomar a si mesmo como objeto, e julgar a si próprio. É a capacidade de perceber o que se passa conosco e no ambiente que nos cerca. No sentido social ou político, o contrário de ser consciente é ser alienado. A consciência é uma forma de presença ou atenção ao mundo, sendo a faculdade de tomar a si mesmo como objeto de reflexão, ou de estudo, exclusiva do ser humano. Por isso distinguimos, de um lado, a consciência espontânea (pertencente aos animais), e de outro a analítica, a reflexiva e a moral (humanas). A consciência analítica é o olhar que a mente tem sobre si mesmo quando está operando. Ela é espontânea quando não toma a si mesmo como objeto. Ela é reflexiva quando olha para si mesma.

Seguem-se alguns trechos do próprio Jung, falando da unidade da consciência e das emoções onde afirma:

Assim, mesmo hoje em dia a unidade da consciência continua sendo algo precário. Essa unidade pode ser rompida com facilidade. E a faculdade de dominar nossas emoções, que pode nos parecer desejável, de um determinado ponto de vista, seria uma valor contestável, pois tiraria das relações humanas toda variedade, toda cor, todo calor e todo charme. (Jung, 1964, p. 25)

Jung separa a consciência do “homem civilizado” dos instintos fundamentais, apesar de,

[...] seus instintos nem por isso terem desaparecido. Eles perderam simplesmente contato com nossa consciência e são por isso forçados a se afirmar de modo indireto. Eles podem fazer isso por meio de sintomas fisiológicos, no caso de uma neurose, ou por meio de incidentes diversos, como por exemplo humores inexplicáveis, ou esquecimentos inesperados, lapsos. Mas o ser humano gosta de pensar que é mestre de sua alma. (Jung, 1964, p. 83)

Sobre o desenvolvimento da consciência:

À medida que a consciência se desenvolveu, ela perdeu contato com uma parte crescente dessa energia psíquica primitiva. [...] Mas, aparentemente, o que chamamos de inconsciente conservou as características que pertenciam ao espírito humano original. (Jung, 1964, p. 98)

Para concluir as citações, eis o que Jung fala sobre as origens de nossa capacidade de reflexão:

Formas de pensamento, gestos universalmente compreensíveis e muitas atitudes obedecem a um esquema estabelecido muito antes de o Homem atingir o estágio da reflexão. É inclusive possível que as origens longínquas dessa faculdade de reflexão característica do ser humano tenham sua origem nas consequências penosas de choques afetivos violentos. (Jung, 1964, p. 76)

Jung ainda observa que,

[...] a consciência não cria a si mesma – ela surge de profundezas desconhecidas. Desperta gradativamente na infância e, ao longo da vida inteira, desperta das profundezas do sono, de um estado inconsciente. É como uma criança que nasce diretamente do útero primordial do inconsciente... Não é apenas influenciada pelo inconsciente, mas emerge continuamente dele, sob a forma de inúmeras ideias espontâneas e de clarões súbitos do pensamento. (*apud* Brehony, 1999, p. 9).

A consciência é um processo dinâmico e *circunambulante*, é um caminho em espiral de mudança e evolução. Nunca se atinge a consciência plena, a psique funciona como uma lanterna: onde está escuro, ali está o inconsciente, e para onde conseguimos apontar o fecho de luz da lanterna, ali está a consciência. “*A área do inconsciente é imensa e sempre contínua, enquanto a área da consciência é um campo restrito, de visão momentânea*” (Jung, 1987, p. 5).

Na área do consciente desenrolam-se as relações dos conteúdos psíquicos e o ego, que é o centro do consciente. Para que qualquer conteúdo psíquico torne-se consciente, ele terá necessariamente que se relacionar com o ego. Os conteúdos, os processos psíquicos que não entretêm relações com o ego constituem imenso domínio do inconsciente. (Silveira, 1997, p. 63)

2.1.3. Inconsciente pessoal

O inconsciente pessoal é a denominação que Jung deu às camadas mais superficiais do inconsciente. Um vasto oceano cujas fronteiras com o consciente são bastante imprecisas (Silveira, 1997).

Jung descreveu da seguinte forma o inconsciente pessoal e seu conteúdo:

[...] tudo o que sei, mas em que no momento não estou pensando; tudo de que uma vez fui consciente, mas agora esqueci; tudo o que é percebido pelos meus sentidos, mas não notado pela minha mente consciente; tudo aquilo que, involuntariamente e sem prestar atenção, sinto, penso, lembro, quero e faço; todas as coisas futuras que estão tomando forma em mim e em algum momento vão chegar ao consciente; tudo isso é conteúdo do inconsciente. (*apud* Brehony, 1999, p.11)

Muitas das experiências que não são reconhecidas pelo ego ficam armazenadas no inconsciente pessoal. Algumas das experiências resolvemos não guardar na consciência, por serem irrelevantes, ou sem importância nas nossas vidas; outras experiências, contudo, permanecem no inconsciente porque são ou foram traumáticas. Na maioria das vezes, seu conteúdo é expresso na produção de sonhos, arte, poesia e outros símbolos importantes.

Sobre seus efeitos sobre nós, Jung afirmou que,

O inconsciente, que tem suas próprias leis e mecanismos autônomos, exerce sobre nós uma influência importante, que poderíamos comparar a uma perturbação cósmica. Ele tem o poder de nos transportar ou de nos ferir da mesma maneira que uma catástrofe cósmica ou metereológica. (Jung, 1998, p. 218)

E sobre a negação do inconsciente, disse que,

Quem nega a existência do inconsciente supõe na verdade que nós conhecemos completamente a psique. E essa suposição é de uma falsidade tão evidente quanto supor que conhecemos tudo o que pode ser conhecido, do universo físico. Nossa psique faz parte da natureza, e seu enigma também é desprovido de limites. Do que resulta que não podemos definir nem psique nem natureza. (Jung, 1964, p. 23)

2.1.4. Complexos

As unidades funcionais que fazem parte do inconsciente pessoal são chamados de complexos, definidos por Jung definidos como sendo a imagem de uma situação psíquica dada, incompatível com as atitudes e disposições costumeiras da consciência. Esse tipo de imagem tem ainda uma forte coerência interior, dispõe de uma totalidade própria e de um grau relativamente elevado de autonomia, além de ser dotada de forte carga emocional.

Complexos são conteúdos inconscientes que se juntam. É algo que impacta o indivíduo, que tem em parte um caráter independente e autônomo da personalidade. É algo que “pega”, que impossibilita seguir em frente; é como uma força que tem sua própria dinâmica e natureza, mas que também nos permite tomar conhecimento de aspectos dos quais não tínhamos conhecimento anteriormente.

Ou seja, temos a existência de algo conflitivo e não assimilado. Isso pode ser um obstáculo, mas também pode se converter em estímulo para maiores esforços, ensejando uma abertura de novas possibilidades de realização. Alguns complexos tornam-se conscientes ao longo da vida e outros permanecem profundamente inconscientes. Quanto menos consciente for um complexo, maior seu grau de autonomia e mais iremos projetar o seu conteúdo sobre os outros.

Os complexos são conteúdos construídos por meio de experiências individuais, são sentimentos ligados a significados de vivências pessoais, são ideias e imagens que se formam em torno de um núcleo arquetípico. Assim, complexos têm a ver com a experiência individual e pessoal, com algo mal resolvido dentro de nós e que tem ligação com um arquétipo.

Também ficam no inconsciente pessoal as qualidades que nos pertencem, mas que nos desagradam e ocultamos de nós mesmos – nosso lado escuro, sombrio.

Citando Jung, sobre a natureza do complexo:

É a imagem emocional e viva de uma situação psíquica interrompida, imagem incompatível, além disso, com a atitude e a atmosfera consciente habituais; ela é dotada de uma forte coesão interior, uma espécie de totalidade própria, e de autonomia, num grau relativamente elevado: sua submissão às disposições da consciência é fugaz, e ela se comporta no espaço consciente como um *corpus alienum*, animado de vida própria. Com um esforço de vontade, podemos reprimir um complexo; mas nenhum esforço de vontade consegue aniquilar um complexo, e ele reaparece na primeira ocasião favorável, com sua força original. (Jung, 1972, p. 182)

2.1.5. Inconsciente coletivo

Jung não entende o inconsciente como um mero depósito de memórias e pulsões reprimidas – concepção freudiana –, mas sim e também como um sistema

passado de geração em geração, um sistema vivo, em constante atividade e atualização.

O inconsciente coletivo é uma figuração do mundo, representando a sedimentação milenar da experiência. Com o correr do tempo, foram-se definindo certos traços nessa figuração. São os chamados arquétipos [...], os quais são continuamente revividos pela alma. (Jung, 1987, p. 86)

Segundo Jung, criador do conceito, o inconsciente coletivo designa os funcionamentos humanos ligados ao imaginário que são comuns ou compartilhados, quaisquer que sejam as épocas e locais, e que influenciam e condicionam as representações individuais e coletivas. Ele é a condição de base, onipresente, idêntica e imutável e si mesma, onde quer que seja. Assim, por exemplo, a imagem do inferno é, em todas as culturas, a representação do aspecto inquietante do inconsciente coletivo.

Jung diferencia o inconsciente coletivo do individual fundamentalmente a partir dos arquétipos – outro conceito por ele forjado – e dos instintos. Ele não é feito de conteúdos individuais que se reproduzem, mas sim de conteúdos universais, que aparecem e reaparecem regularmente.

E se para Freud o inconsciente é uma espécie de lata de lixo, de recipiente que contém tudo o que é por nós rejeitado, não aceito, para Jung, ao contrário, o inconsciente é constituído de tudo que não é consciente, é bem verdade, mas que é inerente à realidade, e – aqui, um elemento que tem especial relevância para este trabalho – do qual uma parte permite o devir do indivíduo. Assim, o inconsciente e o consciente formam um todo que compõe a totalidade psíquica, da qual nenhum elemento pode desaparecer sem prejuízo para o indivíduo.

O último aspecto citado é especialmente interessante para o desenvolvimento desta análise, pois é o inconsciente coletivo, justamente, que tem uma função vital para cada indivíduo, sobretudo porque exerce uma atividade compensatória do eu. Ele é a fonte de renovação do ser, pela compreensão dos sonhos e do trabalho de individuação, conceito-chave neste trabalho. Entendendo-se por individuação o processo de criação e distinção do indivíduo. Simplificando, podemos dizer que é aquilo que chamamos comumente de realização de si, por meio da incorporação de trabalho interno dos elementos contraditórios e conflituais que formam a totalidade

psíquica, consciente e inconsciente do sujeito. Ou seja, a individuação ocorre quando a pessoa deixa de ser dividida e se torna uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade, um conjunto in-diviso.

Para Jung, reconhecer a existência e a influência do inconsciente coletivo é reconhecer que não pertencemos nem ao hoje e nem ao amanhã, somos transcendentais. O inconsciente coletivo não é passivo, já que possui uma expressividade criadora que tem o objetivo de dialogar com o consciente e dar a ele qualidades próximas das qualidades constitutivas de uma personalidade plena. Assim, ele é um sistema psíquico autônomo, cuja atividade compensa os erros e a unilateralidade do consciente.

Resumindo, ele corresponde às camadas mais profundas do inconsciente e dizemos que é coletivo porque transcende todas as diferenças de culturas e raciais, pois contém elementos herdados e que fazem parte do conjunto da humanidade.

Como dissemos acima, para Jung o inconsciente coletivo é um sistema passado de geração em geração, um sistema vivo, em constante atividade, e não um mero depósito de rejeições, como em Freud. Já que, como sabemos, onde Freud fala de estrutura, Jung fala de dinâmica.

O inconsciente coletivo é uma figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação milenar da experiência. Ao longo do tempo, foram-se definindo certos traços, nessa figuração: são os denominados arquétipos, continuamente revividos pela alma (Jung, 1987).

2.1.6. Arquétipos

Arquétipos são formas sem conteúdo próprio, que servem para organizar ou canalizar o material psicológico. Eles são como elementos estruturais e formadores do inconsciente, dão origem tanto às fantasias individuais, quanto às mitologias de um povo (Silveira, 1997, pp. 68-69)

Eles são potencialidades psíquicas, expressões da energia e da vida. Cheios de força, eles dão formas diversas à libido, por exemplo. Do mesmo modo que estruturas cristalinas formam cristal de gelo, quando a água congela, assim também

os arquétipos são potencialidades organizadoras. eles são coletivos, autônomos (ativados por fatores externos) e inconscientes.

Jung chama de arquétipos aquilo que molda, mas, sobretudo, transforma nossas vidas, em determinados momentos. Arquétipo, em grego, significa modelo primitivo, ideias inatas. A palavra tem em sua raiz o conceito de *arché*, princípio que regula. Eles são, para Jung, aquilo que diferencia essencialmente nosso inconsciente pessoal do coletivo: enquanto os conteúdos do primeiro são aquisições de nossa existência individual, os conteúdos do segundo estavam ali desde sempre, são arquetípicos.

Ou seja, o arquétipo é um potencial herdado geneticamente por cada um e todos nós e que define uma disposição para determinadas atitudes ou atividades psíquicas tipicamente humanas. Serve de modelo para o comportamento humano, ao mesmo tempo em que permite a compreensão de aspectos universais, identificados nas mais variadas culturas como manifestações imagéticas, símbolos e rituais.

Em seu Jung afirma que

Acredita-se com frequência que o termo 'arquétipo' designe imagens e motivos mitológicos definidos. Mas estes não são passados de representações conscientes: seria absurdo supor que representações tão variadas possa ser transmitidas como herança. O arquétipo reside na tendência que temos de representar tais motivos, representação que pode variar consideravelmente, em seus detalhes, sem perder seu esquema fundamental. (Jung, 1964, p. 67)

Experiência intensa e perturbadora, os arquétipos têm

[...] uma energia própria e uma energia específica. Assim, eles podem fornecer na forma simbólica, que lhes é característica, uma interpretação carregada de sentido, e intervir em uma situação dada [...]. a esse respeito, eles funcionam como os complexos. Eles vão e veem como querem, e muitas vezes se opõem a nossas intenções conscientes, ou então as modificam, do modo mais embaraçoso. (Jung, 1964, pp. 78-79)

Segundo Nise da Silveira (1997), Jung concebe o psiquismo (consciente e inconsciente) como um sistema energético relativamente fechado, que tem um potencial igual durante toda nossa existência, mas que se manifesta de formas diferentes ao longo da vida de cada indivíduo.

A constatação da manifestação de temas e imagens, algumas recorrentes, em sonhos, fantasias e delírios dos pacientes permitiu, nas pesquisas feitas por Jung, associar a menções em antigos escritos gregos ou em grupos culturais diversos. Pela categorização desses temas e imagens, Jung (1987) projetou padrões referentes à Grande Mãe, à Deusa Terra, à criança eterna, ao herói, ao velho sábio, ao nascimento, à sombra, ao self e à anima, mas muitos outros poderiam ser listados.

A figura da Grande Deusa é emblemática, porque designa a mãe de todos os seres vivos, aquela que preside os processos naturais de fertilidade e fecundidade. Ela é uma divindade historicamente anterior aos deuses masculinos, do patriarcado instituído pelas três religiões monoteístas. Desde o período paleolítico, ela é figurada em todas as civilizações, sempre associada à ideia de Terra-mãe, de Mãe-natureza, de princípio feminino ligado à vida. À terra, ao que é terreno, em oposição ao que é celeste. Estamos, aqui, na esfera de tudo o que é subterrâneo, das forças primitivas da Natureza.

Ou seja, terreno de imagens arquetípicas. A noção de arquétipo nos ajuda a entender as escolhas ou re-escolhas que os indivíduos fazem ao longo da vida, como por exemplo, no processo de metanoia.

O arquétipo é, então, mais do que uma tendência comportamental. Ele é um mensageiro onírico do inconsciente e deve ser compreendido enquanto dimensão simbólica da psique e revelação da disposição emocional que rege os comportamentos. O arquétipo integra a dimensão simbólica da psique à dimensão comportamental, pois ao mesmo tempo em que se atualiza no indivíduo, constelando-se de maneira singular, revela-o (o indivíduo) e revela-se, em sua totalidade, enquanto aspecto universal. O que nos remete àquilo que abordamos rapidamente no **Capítulo 1** deste TCC: à capacidade que temos de nos aperfeiçoar, de transformar em realidade o que carregamos dentro de nós como potencialidade. De atualizar o que é e/ou está latente.

O arquétipo atua em dois níveis que estão intimamente relacionados: coletivo ou universal, e individual ou singular. A interpretação da imagem arquetípica, ou seja, sua transformação em imagem investida de significado-símbolo, deve seguir a consideração desses aspectos fundamentais.

Falando como os arquétipos se sobrepõem, Jung diz que

Um arquétipo sempre se inscreve em uma trama falsa, com representações de duplo emprego [...] aparentadas entre si, sempre levando a outras imagens arquetípicas e se sobrepondo constantemente umas às outras; o conjunto delas forma o singular tapete da vida. (Jung, 1998, p. 120)

Os autores Cunha, Xavier e Vidigal no livro *Na dúvida, ultrapasse* (1997), apresentam uma relação de arquétipos ligados a profissões. Eles listam uma série de traços de personalidade, aptidões, interesses e valores, que buscam formar um tipo ideal. Segundo eles, a escolha da profissão é arquetípica (*vide quadro abaixo, reproduzindo o original*), e o indivíduo escolheria a profissão de acordo com o respectivo arquétipo. Pode ocorrer de o indivíduo ter uma carreira que inclua vários arquétipos.

Os Arquétipos profissionais são:

- ‘O mestre’ (profissões relacionadas à necessidade de aprender e ensinar);
- ‘O curador’ (profissões relacionadas a minorar o sofrimento e acalmar a dor, física e psíquica – área da saúde em geral);
- ‘O organizador’ (profissões onde a organização é indispensável, como Biblioteconomia, Ciências Contábeis e Atuariais);
- ‘O direcionador de ideias’ (profissões como Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas);
- ‘O pesquisador da vida’ (profissões que, por meio da pesquisa, procuram desvendar o homem e a natureza);
- ‘O realizador’ (profissões que procuram concretizar as ideias: administração e as engenharias, de modo geral);
- ‘O manipulador de números’ (profissões onde os cálculos são fundamentais);
- ‘O pesquisador da terra’ (profissões onde procura se entender o planeta terra e seu funcionamento);
- ‘O protetor da vida’ (profissões ligadas a ecologia e ao cuidado com animais);
- ‘O buscador’ (profissões relacionadas à filosofia e religião);
- ‘O comunicador’ (profissões ligadas à mídia e formas de comunicação);
- ‘O artista do belo’ (profissões relacionadas à artes);

- ‘O guardião da ordem’ (profissões relacionadas às leis e ordem como Direito e Carreiras Militares);
- ‘empreendedor’ (profissões relacionados à idealização de projetos e sua realização: administração e engenharia);
- ‘O pensador’ (profissões que buscam compreender e fazer a reflexão sobre o homem e sua sociedade como Filosofia, Ciências Sociais e História);
- ‘O atleta’ (profissões ligadas ao treinamento físico como Educação Física e Esportes).

(Fortim; Spaccaquerche, 2009, pp. 20-21)

2.1.7. Self

No inconsciente coletivo, Jung descobriu o centro ordenador: o self (si-mesmo) (Silveira, 1997, p. 65). Ao falarmos de self ou si-mesmo, estamos nos referindo ao centro de toda a personalidade. É dele que vem todo o potencial energético do qual a psique dispõe. O self é comparado ao sol, como centro de um sistema, como principal arquétipo do inconsciente coletivo. Ele organiza e harmoniza os demais arquétipos e suas atuações nos complexos e na consciência; ele une a personalidade.

O objetivo de toda personalidade é o autoconhecimento, o que corresponde a conhecer o próprio self, que Jung conceituou como sendo aquilo que representa o objetivo do homem inteiro; entendendo-se por homem inteiro o sujeito que se realiza por completo e em sua individualidade, com ou contra a própria vontade. A dinâmica desse processo, diz Jung, é o instinto, que zela no sentido de garantir que tudo o que pertence a uma vida individual permaneça ali, exatamente, com ou sem a concordância do sujeito – ou seja, tenha ele consciência do que acontece, ou não.

Self e ego são também conceitos que nos ajudarão a analisar como o indivíduo da na meia-idade vai buscar se focar mais nos seus valores internos e ligados ao self, abrindo mão da imagem construída frente ao mundo externo.

Segundo Fortim e Spaccaquerche (2009), no livro sobre orientação profissional, as linhas junguianas convergem para o mesmo sentido: no que se refere à compreensão do significado da escolha profissional, o indivíduo busca a

integração ego-self, processo que passa por ser fiel a si mesmo e fazer escolhas responsáveis. E a identidade profissional do indivíduo vai se constituindo à medida que o processo de individuação acontece.

2.2. O processo de individuação e a busca de inteireza

O processo de individuação consiste num ponto importante para o trabalho apresentado aqui, pois ao falarmos da reinvenção de carreira e metanoia estaremos olhando não para um momento estático da vida do indivíduo, mas sim do ponto de vista de um processo de desenvolvimento.

A grande busca de Jung consistiu em conhecer a si mesmo e perseguir o significado da vida. Em suas pesquisas, ele observou que a psique vai de encontro a seu próprio centro, já que ela é a totalidade dos processos psicológicos, um conjunto múltiplo mais único. A esse objetivo da vida psíquica Jung deu o nome de Individuação, que não é algo repentino, mas sim o resultado de um processo.

Elemento central do pensamento de Jung, o chamado processo de individuação é aquilo por meio do qual que a pessoa vai se conhecendo, retirando suas máscaras, retirando as projeções lançadas anteriormente no mundo externo e integrando-as a si mesmo:

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Dessa forma, podemos traduzir 'individuação' como tornar-se 'si-mesmo' (*Verselbstung*) ou o realizar do si-mesmo (*Selbstverwirklichung*). (Jung, 1987, p. 49)

Jung entende a individuação como um processo que significava tornar-se um ser único, tornando-nos o nosso próprio eu-mesmo. Não se trata de um processo fácil e simples, nem ele ocorre linearmente. É um processo doloroso, difícil e que se faz em um movimento circunvolutório direcionado a um novo centro psíquico, o self. Sendo self o objetivo do homem inteiro, a realização de sua individualidade. Como comentamos no tópico **Inconsciente coletivo** neste mesmo capítulo, a individuação ocorre quando a pessoa deixa de ser dividida e se transforma em uma unidade

autônoma e indivisível, uma totalidade, um conjunto in-diviso. Nós nos realizamos quando atualizamos nossas potencialidades, mas também, e ao mesmo tempo, quando incorporamos o que é contraditório e conflitual. Cada um de nós é esse conjunto não unívoco, apesar de uno.

Ao contrário, a alienação acontece quando o que prepondera é o coletivo, quando o indivíduo se despoja de si, abre mão do que lhe é singular, em prol do papel social ou de um significado imaginário.

Por alienação, entende-se a perda de si mesmo em outrem ou em outra coisa. Em latim, *alienus* quer dizer alheio, de outrem, tornar-se outro. Isso acontece quando perdemos contato com nós mesmos. Uma pessoa alienada é alheia, estranha a ela própria: o ponto mais grave da alienação acontece quando perdemos completamente a consciência, a razão. Quando perdemos nossa identidade, esse acordo íntimo, caráter daquilo que, sob denominações ou aspectos diversos, é uno, ou representa uma e mesma realidade. A alienação modifica nosso caráter, destrói nossa personalidade. Em resumo, alienar-se é tornar-se outro de si mesmo.

A meta da individuação é o contrário disso, é tornar-se integralmente si-mesmo. É retirar as máscaras, os invólucros falsos da persona e também do poder sugestivo das imagens primordiais.

A **persona** aparece quando queremos assumir “um ar oficial”, desempenhar um papel na sociedade, parecer isso ou aquilo. O si-mesmo fica escondido atrás de uma máscara, ou muralha protetora. A origem do termo trai seu significado, pois a palavra persona é a tradução do termo grego *prosopon*, que significa precisamente máscara.

Já as imagens sugestivas são processos sutis que irrompem na consciência de forma sugestiva: doenças mentais, inspirações criadoras e conversões religiosas. É o lado obscuro do mundo interior, do inconsciente coletivo e são muito difíceis de compreender.

Para Jung, cada indivíduo precisa assumir uma máscara, para seu “estar no mundo” e trocar de máscara em função dos papéis que vai desempenhando em seus relacionamentos. Essas máscaras lhe são fornecidas pela persona, que representa, assim, as atitudes conscientes relativamente ao mundo que nos cerca.

Até porque os princípios morais de cada cultura e cada época funcionam como base de conduta e de comportamento.

É em torno do eu, do ego, que a persona estrutura seus elementos. Esse núcleo tem qualidades de continuidade e de identidade e é uma condição da consciência. Para o indivíduo, algumas vezes a persona se identifica ao modo como os outros o veem. Quando isso acontece, o indivíduo é prisioneiro de sua persona, e sua vida pode acabar sendo ou lhe parecendo insuportável.

Inconsciente e consciência se complementam, formando uma totalidade, o si-mesmo. Uma unidade. Facilmente, representamos a nossa persona, mas a compreensão do si-mesmo vai além nossa imaginação, sempre haverá uma parcela indeterminada e indeterminável do que se encontra no inconsciente. Nesse sentido, o si-mesmo será algo tão grande que nos ultrapassará.

Resumindo, a individuação é o processo de tomada de consciência de nossa individualidade profunda – com tudo o que ela contém. Um processo de formação e de particularização do indivíduo; mais especialmente do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. Assim, a individuação é um processo de diferenciação que tem o objetivo de desenvolver a personalidade individual.

A individuação coincide com o processo de desenvolvimento do consciente que sai de seu estado primitivo de identidade; ela é a ampliação da esfera do consciente e da vida psicológica consciente.

Nesse processo, a pessoa é ao mesmo tempo indivíduo e membro da coletividade, mas tem sua identidade própria, o que lhe permite estar ainda mais à vontade em sociedade. Talvez possamos, aqui, falar de uma reconciliação, de uma síntese, um restabelecimento da ligação entre duas partes, ou dois polos. Alguém reconciliado consigo mesmo é uma pessoa que integrou o consciente e o inconsciente coletivo.

Um elemento importante do processo de individuação é a **sombra**. Um dos maiores trabalhos do processo de individuação é a integração da sombra à consciência. Como sabemos, o processo de individuação pode se desenvolver inconsciente- ou conscientemente:

- a) Quando o processo de cumprir inconscientemente, ele se projeta em símbolos coletivos, mitos, religiões, filosofias, através dos quais quem adere a eles recebe uma certa animação.
- b) Quando o processo se torna consciente, quando o ego faz a experiência do inconsciente coletivo, ele se transforma. Isso acontece por ocasião com a sombra, por exemplo, e sempre na forma de um conflito no qual o ego se transforma.

Na personalidade, que representa as estruturas do indivíduo, Jung nos fala da parte da qual temos consciência e na qual nos sentimos como seres singulares: a persona, como vimos. E subjacente à persona, cuja organização é influenciada pelo ambiente e que permite ao indivíduo a adaptação às múltiplas situações, temos a sombra, o outro lado, a outra face da persona. Ambas surgem do inconsciente coletivo, ambas têm energia própria, são autônomas.

A sombra contém as exigências e desejos o que permanecem fora da consciência. Ela é o subconsciente individual. Ela organiza e reúne:

- o que é reprimido pela persona, porque ela considera negativo;
- o que é depreciado pela persona porque não tem valor, relativamente a sua individualidade (por exemplo, um indivíduo dotado de qualidades artísticas, depreciadas no ambiente em que ele vive: ele não as cultiva, e elas continuam sendo primitivas, no complexo de sua sombra);
- o que não foi selecionado dentre as possibilidades de temperamento (assim, se um indivíduo é introvertido e reflexivo, em sua persona, em sua sombra ele será extrovertido e sentimental).

A organização de todas essas qualidades forma um sistema autônomo, relativamente ao ego da persona, que pode se opor a elas.

A sombra tem tendência à projeção sobre aos outros, o que nos faz atribuir sempre ao outro o que não nos agrada reconhecer em nós mesmo (crítica, ataque). Assim, descobrimos nos defeitos do outro uma parte sombria da qual não nos damos conta. O encontro com a sombra pode acontecer nos estudos dos sonhos, quando realizamos o que nos parece mais criticável em estado de vigília.

Outras características: ela sempre tem o mesmo sexo da persona; ela tem uma função positiva, compensa a pessoa; se cultivarmos suas características, o ego se enriquece com sua energia e a harmoniza – ao contrário, quanto mais a sombra for perseguida, mais ela se tornará autônoma, adquirindo tanto volume que a libido enfraquece o ego.

Essa singularidade que é o indivíduo, sua persona + sua sombra, flutua no oceano da energia comum a todas as singularidades de manifestações humanas, aquilo que Jung chamou de inconsciente coletivo. E a conciliação do consciente e do inconsciente, a conciliação da atitude extrovertida e da introvertida corresponde ao processo de individuação.

Brehony, ao falar sobre a busca da inteireza no processo de individuação, explica:

A nossa consciência se expande baseada na nossa experiência e na nossa vontade de nós tornarmos conhecedores de nós mesmos e do mundo. 'Tornar-se consciente' é tomar conhecimento de algo que era sabido antes. A meta do processo de individuação é a pessoa tornar-se cada vez mais consciente, autoconhecidora e, como Buda, desperta. À medida que vamos despertando, caminhamos rumo a uma inteireza do ser, experimentando uma visão autêntica e completa de nós mesmos, tanto nos aspectos positivos quanto nos negativos. (1999. p. 10)

O ego individuado se sente como objeto de um sujeito desconhecido que o engloba. A individuação corresponde ao processo de cumprimento, de realização do ser, por meio de uma dialética entre o consciente e o inconsciente.

O processo de individuação acontece em três movimentos gerais: o primeiro é o caminho para a diferenciação do coletivo; o segundo, a diferenciação de si, a realização de si-mesmo; e, por fim, o retorno ao coletivo, de uma forma mais integrada. A diferenciação pressupõe o afastamento da conformidade pessoal e da coletividade, para depois voltar de forma mais autêntica e contribuir com uma nova dinâmica à coletividade.

O retorno do herói ao reino, e na condição de rei, simboliza este último movimento, quando o indivíduo retorna ao coletivo, já depois de realizar o si-mesmo. O primeiro movimento pode ser representado pelo “chamado” do herói ao encontro do “destino”. O segundo estaria muito bem referido às desventuras do herói, quando

encontra os monstros e dragões e coloca em prática todo o aprendizado de uma vida.

O processo de individuação não é algo simples e confortável. Pelo contrário, é difícil e doloroso. Ele não tem um caminho comum para que todos possam passar e seguir, ele é uma trilha, uma jornada. A meta é o processo e não chegar a algum lugar. É um processo que requer coragem, sair do lugar comum e seguro, abandonar a coletividade e embarcar em aventuras, aceitando o desconhecido. Essa jornada é que proporciona a uma transformação do si-mesmo e que é contada em histórias e mitos de todas as culturas.

No livro sobre o poder do mito, Bill Moyers pergunta a Joseph Campbell: “Por que existem tantas histórias de herói na mitologia?” “Porque”, responde Campbell,

[...] é sobre isso que vale a pena escrever... a aventura habitual do herói começa com alguém de quem se tornou alguma coisa, ou que sente que falta algo nas experiências normais disponíveis ou permitidas aos membros da sua sociedade. Essa pessoa parte então para uma série de aventuras fora do comum, ou para recuperar o que foi perdido, ou para descobrir algum elixir da vida. Normalmente é um ciclo, uma ida e um retorno. (Campbell; Moyers, 1988, p. 123)

Resumindo e finalizando, podemos afirmar que o processo de individuação – expressão que Jung emprestou de Schopenhauer – é a realização de uma totalidade. Ou melhor, de uma inteireza, através de uma dialética entre o ego e o inconsciente.

Lembrando que Jung sustenta a tese que nunca estamos mais próximos do ser humano coletivo, do *anthropos*, do que quando nos aproximamos da individuação, que não é, em absoluto, uma singularização mais e mais profunda, pelo contrário.

3. CARACTERIZAÇÃO DA METANOIA E A BUSCA DO SI-MESMO

No primeiro capítulo, procuramos apresentar, paralelamente a algumas problematizações, sobretudo em Hannah Arendt, o significado que o trabalho tem em nossas vidas, pois é através dele que estabelecemos uma função na sociedade. Assim como o trabalho é de grande significância na constituição do si-mesmo, também a metanoia marca um momento singular na vida do sujeito.

Chamada de passagem do meio, da meia-idade, da idade do lobo, processo de envelhecimento, essa é a fase da vida que envolve muitas significações, mistérios, medos, mitos e preconceito, numa sociedade que valoriza cada vez mais a eterna juventude, que glorifica o Herói e desvaloriza a figura do Sábio. Jung usou o termo “metanoia”, que vem do grego e quer dizer processo que vai além, transcendência, movimento, mudança e metamorfose de sentimentos.

A reinvenção de carreira na meia-idade tem características específicas. Segundo Jung (1987), na primeira metade da vida gastamos parte da nossa energia para nos adaptar ao mundo exterior; na segunda metade é chegada a hora de nos voltarmos mais para nosso mundo interior.

A primeira metade da vida é um período de progressiva expansão. O jovem terá de renunciar aos hábitos de infância, aos aconchegos familiares, para atender aos desafios do mundo exterior. Terá de estudar, trabalhar e conquistar uma posição social. Terá de vivenciar em si mesmo a eclosão dos instintos e fará encontro com o sexo oposto. Ficar apto a gerar. [...] Na segunda metade da vida as tarefas são diferentes. Acabou o tempo de expansão. Agora é tempo de colher, de reunir aquilo que estava disperso, de juntar coisas opostas, de concentrar. (Silveira, 1997, pp. 156-157)

3.1. Etimologia

Retomando o termo metanoia, podemos ampliar seu significado para: “palavra de origem grega e significa arrependimento, conversão (tanto espiritual, bem como intelectual), mudança de direção e mudança mental; mudança de atitudes, temperamentos; caráter trabalhado e evoluído.” (Acesso em 15/03/2012). O termo foi

utilizado na bíblia septuagenária, escrita em grego, sendo que na tradução para o latim o termo foi transformado. Onde Jesus dizia aos homens “*metanoio!*”, ou seja, “mudem a mentalidade”, a tradução para o latim adotou “convertei-vos”, o que denota uma forte carga religiosa em detrimento da carga psicológica que o termo tinha em sua acepção originária.

Segundo a tradição budista, metanoia tem um significado mais amplo, correspondendo à transformação da mente. Representa mudanças nos estados mentais que levam à mudança de consciência e superação dos condicionamentos. Em termos psicológicos, “metanoia” significa colher o além da mente, mudar a mente, colher a mente intenciona o fim do último, ou a capacidade da mente transcender cada objeto próprio. A mente colhe e constitui o próprio objeto e depois o transcende.

3.2. A meia-idade segundo autores das teorias do desenvolvimento adulto

Dentro da psicologia, muitos autores falam sobre a crise da meia-idade. Neste trabalho abordaremos as propostas de Erickson e a teoria do desenvolvimento psicossocial, Levinson e a teoria da estrutura da vida e a metanoia segundo Jung, visão esta que será enfatizada.

Nas décadas de 1920 e 1930 alguns autores começaram a se interessar pelo desenvolvimento da personalidade ao longo dos diferentes ciclos da vida. Citaremos dois desses psicólogos que apresentaram uma teoria relativa à fase da vida que interessa a esse trabalho: a meia-idade.

Em 1950, Erickson publicou *Childhoodandsociety*, um dos livros mais influentes do século sobre desenvolvimento da personalidade (*apud* Staube, 1981, p. 32). Segundo Erickson, ao longo do ciclo vital passamos por oito tarefas psicossociais, sendo elas:

1. Confiança básica versus desconfiança: do nascimento a 1 ano.
2. Autonomia versus vergonha e dúvida: de 1 a 6 anos
3. Iniciativa versus culpa: dos 6 aos 10 anos
4. Indústria versus inferioridade: dos 10 aos 14 anos

5. Identidade *versus* confusão de papel: adolescência: dos 14 anos 20 anos
6. Intimidade *versus* isolamento: idade adulta, dos 20 anos aos 40 anos
7. Produtividade *versus* estagnação: idade adulta intermediária, dos 40 anos aos 65 anos.
8. Integridade do ego *versus* desesperança: maturidade: dos 65 em diante.

Para cada fase da vida Erickson atribui um termo duplo que caracterizam os conflitos daquela etapa. “[...] *cada crise prepara a próxima, como um passo leva ao outro; cada crise estabelece uma nova base para a personalidade adulta*” (Erickson *apud* Staube, 1981, p. 32). Do ponto de vista de Erickson, as crises são momentos decisivos nos quais, de uma maneira ou de outra, uma mudança é inevitável.

No caso do adulto, a primeira questão esta ligada a intimidade e o isolamento, nesta fase a questão que se apresenta é a capacidade de amar. Um pouco mais adiante, na crise da “meia-idade”, que começa por volta dos 40 anos, há o conflito entre a produtividade e a estagnação. Ao falar de produtividade, esta aplicada a própria família, à preocupação com os outros e com as próprias ideias e produtos. No caso de uma resolução positiva, a crise resulta na capacidade de ser compassivo.

Outra teoria, considerada mais abrangente, é a teoria de desenvolvimento adulto, elaborada por Daniel Levinson e por seus colegas da Universidade de Yale.

Sua teoria é a mais abrangente teoria de desenvolvimento geral hoje em uso. Sua teoria não é um projeto que especifica uma trajetória normal que todos devem seguir. Sua função é identificar as tarefas de desenvolvimento que todos devem trabalhar em períodos sucessivos, e as formas infinitamente variadas que esse trabalho pode assumir em diferentes indivíduos que vivem em diferentes circunstâncias. (*apud* Staube, 1981, p. 34)

Na teoria da estrutura da vida, Levinson estava interessado em compreender os processos de mudanças em suas vidas individuais:

As pessoas fazem isso tomando certas decisões essenciais, geralmente relacionadas à carreira, ao casamento, à família ou coisas que tais. Então, elas formam uma estrutura de vida em torno dessas decisões e buscam objetivos e valores dentro dessa estrutura. (Staube, 1981, p. 34)

A cada transição, ocorre um questionamento e uma reavaliação da estrutura de vida existente. Se há uma estrutura quanto à carreira, casamento e família, ela é repensada e em seu lugar é criada uma nova estrutura, que irá reger a vida da pessoa.

Ao mesmo tempo em que esse é um momento de perda, de eliminação de um modelo de estrutura, é também um momento de oportunidade. O indivíduo analisa o passado e avalia o que levará consigo para o futuro, podendo usar alguns elementos como base, mas alguns devem ser desprezados e abandonados.

Jovem adulto

- Entrada no mundo adulto (22-28 anos)
- Transição dos 30 anos (28-33 anos)
- Estabilização (33-40 anos)

Meia-idade

- Transição para a meia idade (40-45 anos)
- Entrada na meia idade (45-50 anos)
- Transição dos 50 anos (50-55 anos)
- Culminar da meia idade (55-60 anos)

Velhice

- Transição para a velhice (60-65 anos)
- Velhice

Levinson aponta a transição da meia-idade de 39 a 42 anos de idade. Segundo sua teoria, nessa fase a pessoa passa por um questionamento sobre se será capaz de concretizar o indivíduo que desejava ser. *“Não consegue obter a afirmação, a independência e o respeito que deseja. O homem que tem idealizado para si mesmo não é a imagem que tem de si e de sua vida nesta fase.”* (apud Staube, 1981, p. 40)

Nessa passagem, tendem a aparecer conflitos e ansiedade. Há lutas tumultuosas dentro do self e no mundo exterior. Todos os aspectos da vida entram em questão, a estrutura existente é reavaliada e existe a possibilidade de algo novo

nascer. A escolha feita levará em conta alguns aspectos do self e negligenciar ou minimizar outros.

Na meia-idade, as partes negligenciadas do self buscam insistentemente a manifestação do *self*. O homem houve vozes de uma identidade prematuramente rejeitada, de um amor perdido ou interrompido, de possibilidade abandonadas para se tornar o que ele é agora. (Staube, 1981, p. 41).

3.3. A metanoia segundo a psicologia junguiana

Abordaremos agora a visão de junguiana sobre a metanoia. A imagem apresentada por Stein (2007) para caracterizar a transformação da meia-idade é de que “a psique explode como um vulcão e a sua larva redesenha a paisagem da nossa vida psicológica” (p. 25). É essa mudança de paisagem que o self vivencia nessa da fase. Tal revolução psíquica acontece porque passamos a olhar para dentro e despertar em lugar de olhar para fora e sonhar. O indivíduo começa a buscar um sentido maior para sua existência, e antigos valores e interesses são deixados para trás.

É nessa fase que temos a chance de ser o sujeito da nossa própria história, sem os determinismos dos pais, dos complexos e dos condicionamentos culturais. Em tal fase,

A pessoa precisa admitir impotência e perda de controle. O ego nunca esteve realmente controle, mas ao contrario, é dirigido pela energia dos complexos maternos, paterno e coletivo, sustentado pelo poder das projeções sobre os papéis sociais tiverem poder normativo, enquanto as projeções funcionarem, o indivíduo evitará um encontro com o self. (Hollis, 1995, p. 45)

Jung (1987) aponta a metanoia como ponto importante no processo de individuação, na busca da nossa singularidade mais íntima, última e incomparável. É a procura de si-mesmo. Quando não estamos em busca, alienamos o si-mesmo e há a preponderância do coletivo, seja em prol de um papel exterior, seja de um significado imaginário.

A meta da individuação é o despojar-se da persona – que diz respeito às nossas máscaras e à muralha que erigimos para nos proteger, como desenvolvemos no **Capítulo II** deste TCC –, a persona aparece quando assumimos um ar “oficial”

para parecer que somos isso ou aquilo, e escondemos o nosso verdadeiro eu. A meta também inclui nos livrarmos do poder sugestivo das imagens primordiais do inconsciente coletivo, o mundo interior obscuro de muito difícil compreensão. Esses são processos interiores sutis que invadem a consciência de forma sugestiva: doenças mentais, inspirações criadoras e conversões religiosas.

A metanoia é o momento do processo de individuação cheio de conflitos e de mudanças, ocorrem modificações fisiológicas e psicológicas. O corpo já não responde da mesma forma que na juventude.

É na meia-idade que aparecem as primeiras preocupações com o envelhecer. A passagem do tempo se revela nas rugas, nos cabelos brancos, nos óculos, na menopausa, no aumento do colesterol e na perda dos entes queridos. Enfim, Jung coloca que essas perdas são sinais de que somos seres de passagem, efêmeros.

No entanto, os valores que se apresentam no século XX tendem a negar isso, ao valorizar aparência e a imagem, todos em busca de ser eternamente jovem, mas não há como reverter essa situação. (Monteiro, 2008).

É interessante caracterizar o contexto atual da sociedade que permeia os acontecimentos da metanoia para o indivíduo. A sociedade atual é caracterizada por valores individualistas, consumistas e materialistas, e sofre o domínio da mídia que nos impõe certos modelos: busca-se o tempo todo manter um corpo jovem, sentir prazer e ser feliz. O que vale é o desempenho exterior, de como nos apresentamos ao mundo exterior, não há mais espaço para a reflexão, nem para vivências que envolvam sentimentos básicos como raiva, medo, tristeza e angústia.

Cada vez mais, estamos distantes das dinâmicas do SER para o TER, e indo ainda mais além, para o PARECER TER. Estamos deixando de nos conectar com o mundo das ideias, com a subjetividade e a consciência de si mesmo, vamos nos distanciando das raízes da nossa alma. Segundo Jung, estamos ficando massificados e alienados, e nos tornando cada vez mais escravos dos valores citados acima, e aderindo a um padrão de comportamento.

A meia-idade nos chama a entrar em contato com a nossa alma, somos levados a ter consciência do tempo, da construção da nossa história. Temos chance de questionar o viver, suas verdades e mentiras. É nesse momento que buscamos o sentido da vida. Jung chamou essa fase de metanoia.

Metanoiein significa mudar a maneira de pensar, sair para outro nível da consciência ou da atitude mental. Jung anunciou a necessidade de mudanças, de expansão da consciência ao longo da vida, sempre ligadas às demandas externas tanto quanto às internas e do inconsciente. A essa realidade transformacional, de encontro com a própria potencialidade intrínseca, chamou de processo de individuação. (Monteiro, 2008, p. 10)

O verbo “*metanoien*” significa “mudar” a maneira de pensar, sair da inconsciência para ir em direção de outra atitude mental mais compatível com o mundo e com a condição do humano. O contrário de acomodação, é um convite a mudanças em direção de expandir a consciência, e para isso é necessário um outro pensar e um outro sentir do mundo.

Metanoia significa mudança radical vinda de uma forma inconsciente que entra em conflito com a consciência sintônica com o *status quo* adquirido com tanto esforço. Ela produz angústia, depressão, pensamento de morte, assim como perspectiva de liberdade, de planos, de um novo renovador que muda o rumo da vida. Enfim, remete ao conflito. A metanoia remete ao corte contínuo da história, ao que rompe, estabelecendo uma outra ordem. Um início, uma mutação, um outro que traça no presente uma origem. Com origem, queremos dizer uma eterna condição de possibilidade do novo adentrar no consciência e desviar a história para um outro modo de ser. (CAVALHEIRO, 2008, p.88)

É nesse momento que muitos conflitos aparecem, sejam eles de ordem pessoal, relativos ao casamento, à família e à forma de se relacionar; ou relativos à ordem profissional, com relação ao trabalho realizado, à empresa e espaço de trabalho, a como atuo e se isso tem valor etc. Mesmo os alicerces mais firmes passam a ser questionados, e o conflito parece permear toda a ordem da vida do indivíduo.

Atividades e relações que até aquele momento moviam e motivavam o indivíduo em sua busca são colocados em xeque e há uma possibilidade de se estabelecer uma nova ordem.

Outra característica da metanoia é o conflito entre o passado e o futuro.

Quando se chega à meia-idade, é comum a escolha defensiva de uma das polaridades entre o passado e o futuro. Para Jung, ‘Quem se protege contra o que é novo e estranho regride ao passado esta na mesma situação neurótica daquele que se identifica com o novo e foge do passado’. Regredir e retomar à infância, ao passado como uma linha histórica na qual se desliza de volta, é estancar a

vida, negando, por temor, o novo. Assim como agarrar-se ao novo cortando a linha da história é viver a ilusão da jovialidade eterna, na qual o passado é o apêndice que testemunha a temporalidade. (CAVALHEIRO, 2008, p. 95)

Por um lado, a fixação no passado torna o indivíduo saudosista e a repetição da história o faz girar em círculos. Essa dinâmica é imposta por uma série de lembranças cristalizadas, acompanhadas muitas vezes por ressentimentos, que aprisiona sonhos e perda de horizontes, levando a pessoa a se recolher e ficar na escuridão.

Na primeira metade da vida, ocupamos um lugar no mundo competitivo e assustador (Cavalheiro, 2008). E como adultos somos finalmente aceitos, respeitados e valorizados; na meia-idade tentamos a todo custo manter o que deu certo.

Por outro lado, na fixação no futuro, na busca pelas novidades e as sensações momentâneas que elas trazem há uma vontade de regredir à juventude e à infância, com o intuito de voltar a viver sensações há muito esquecidas. Cavalheiro aponta a diferença entre o novo e a novidade

[...] o novo diz respeito às brasas acesas adormecidas em cinzas, que podem irromper na consciência e constelar uma nova percepção, uma nova maneira de ser no mundo. Isso diz respeito à conexão com o mundo interno e suas expressões. A novidade é um sucedâneo consumista que conecta com o mundo externo e faz do consumo um ritual de juventude, situado num futuro que não cessa de escapar.” (idem, p.98).

Tanto a fixação no passado quanto a fixação no futuro nos impedem de ir em direção do si-mesmo. A fixação no passado nos faz repetir o mesmo tema, nos protegendo do novo; e a fixação no futuro é quando nada se repete, o que impossibilita qualquer conexão.

A metanoia traz consigo sentimentos ambíguos e conflitantes e que trazem possibilidade de mudança. Novo e velho, enquadramento social e liberdade, trevas e luz, persona e sombra, consciência e inconsciência, essas são forças que geram conflito e abalam o antigo arranjo. Escolhas precisam ser feitas, e a dor das perdas é inerente. Os conflitos geraram mudanças, que gerarão por sua vez uma nova forma de estar no mundo.

A metanoia acontece em dois momentos: a **primeira metanoia** aproximadamente entre os 40 e os 55 anos, podendo os primeiros sinais aparecer entre os 35 e os 38 anos. É importante ressaltar que a metanoia é um processo psicológico e não cronológico, podendo se manifestar numa fase bem mais ampla. Nessa fase, é comum surgirem alguns sintomas, em maior ou menor grau: depressão, ansiedade, desilusão, vazio existencial, mudanças de comportamento, insatisfação quanto ao trabalho, divórcio, casos extraconjugais, sintomas psicossomáticos, questionamento espiritual, revisão de valores e atitudes, contemplação da morte e outras perdas (da juventude, dos sonhos e do corpo saudável e viril).

A **segunda metanoia** acontece entre os 55 e os 65 anos, sendo uma fase de profunda transformação da consciência. Os sintomas comuns são melancolia, depressão, mau humor, perda de entusiasmo, leve regressão, leve desorientação, falta de energia, tédio, doenças psicossomáticas, angústias e apegos a antigas atitudes, defesas contra mudanças etc.

Um ponto comum na metanoia é que a energia do jovem, que era direcionada para o mundo exterior, passa a se dirigir para a “centroversão”, ou seja, para o mundo interno, o próprio self como centro, para a conquista de valores não materiais.

Esse é um momento de retomar a energia que foi investida fora de nós mesmos, para que ela possa estar disponível para a segunda metade da jornada. Se na primeira metade da jornada representamos o Herói, a meia-idade propõe o abandono do Herói em prol das qualidades do Sábio. É a árdua tarefa de liberar-se das ambições e sonhos pessoais da juventude e aprofundarmos cada vez mais dentro do “grande mistério”.

É comum também que as vozes que ficaram abafadas ao longo da vida adulta, partes sacrificadas para darmos conta das responsabilidades familiares, expectativas sociais e profissionais; voltem na meia-idade a se expressar, podendo levar ao rompimento com um estilo de vida prévio, estabelecendo uma conexão com a fonte criativa interna.

Em suma, na metanoia somos provocados a ter consciência da passagem do tempo, da travessia. Assim como em outras estações da vida, também tem suas

riquezas e privações, luz e trevas. Cabe a cada um viver o mais plenamente possível, independente da idade.

A tomada de consciência de aspectos até então sombrios possibilita ao indivíduo ser autor da própria história e não estar a mercê de aspectos inconscientes. A luz, a clareza dos aspectos que se apresentam na meia idade remete ao indivíduo a querer se reinventar, a estar no mundo de uma forma mais integrada e voltado a realizar a potencia que vislumbra em si mesmo.

Uma nova visão, um novo olhar sobre o mundo e sobre a própria humanidade gera no indivíduo a vontade de criar uma nova forma de atuar profissionalmente. Aversão antiga que até aquele momento fez sentido, pois era a máscara que usava para lidar com o mundo exterior. É substituída por uma versão que respeita mais a essência do ser, mais a alma que esta por trás das máscaras.

Atividades, profissões, funções, forma de se relacionar são revistas e no lugar de posturas individualistas, a pessoa passa a ter uma postura de encontro ao outro, mais cooperativo.

Viver e ser feliz não é só valorizar a alegria e o prazer, mas também aprender e refletir sobre as perdas, o fracasso e o sofrimento. Jung diz que precisamos forjar um EU que suporte a verdade, que seja forte para aceitar a realidade do vivido: perdas, não, críticas, erros, decepções... que são inerentes à vida. A metanoia faz parte do viver.

4 REINVENÇÃO DA CARREIRA NA MEIA-IDADE

Neste capítulo final do trabalho, antes de abordarmos seu objeto de reflexão, resumiremos muito brevemente o fio condutor que nos permitiu chegar a este ponto.

No **Capítulo 1**, discorremos sobre os diversos significados que o trabalho pode ter na vida. Uma visão negativa é retratada, por exemplo, no mito de Sísifo, ou no do castigo divino fruto do pecado original, ou no símbolo do Ter no mundo capitalista, característico de nossa época atual; uma visão mais positiva apresenta uma forma de construção de identidade e realização das potencialidades, como possibilidade de criar, deixar uma obra, um trabalho não alienado onde o indivíduo vê a si mesmo naquela construção, e também como forma de exercer o Ser na sociedade.

No **Capítulo 2**, apresentamos os principais conceitos da psicologia analítica aos quais recorreremos para discutir a questão do processo de individuação e sua relação com a metanoia.

No **Capítulo 3**, abordamos a metanoia propriamente dita, momento marcante no processo de individuação, no qual a pessoa revê toda a primeira metade da sua vida e reavalia o que quer levar e o que quer deixar para trás, na continuação da segunda metade da jornada.

4.1. Sentido do “reinventar” a carreira

O termo “carreira” pode receber inúmeras interpretações. A definição do termo atual esta condicionada a fatores históricos, econômicos, culturais etc. Também pode ser abordada a partir de uma dimensão externa/objetiva ou interna/subjetiva. A visão que nos interessa aqui é a data por Zunker (1994) que usou o termo carreira para se referir às atividades e posições nas vocações, ocupações e empregos que compõe a

vida de trabalho de um indivíduo . Os termos vocação, ocupação e emprego foram utilizados de modo equivalente pelo autor. Da mesma forma, desenvolvimento de carreira, desenvolvimento ocupacional e desenvolvimento vocacional foram englobados num processo vitalício de desenvolvimento de crenças, valores, habilidades, interesses, traços de personalidade e conhecimento do mundo do trabalho.

Quanto à reinvenção, ela diz respeito à capacidade de criar, de inventar de novo. Neste capítulo apresentaremos informações sobre a criação de novas formas de atuar na vocação, na ocupação, no emprego, enfim, na vida de trabalho do indivíduo na meia-idade. Abordaremos três autores contemporâneos para considerar a seguir a reinvenção de Carreira: Bridges (1999/2001), Hollis (2011) e Ibarra (2009).

O primeiro autor tem uma visão da reinvenção de carreira como um processo de transformação, onde há a necessidade de caos e vazio para o nascimento de uma nova perspectiva; o segundo aponta para a necessidade de encontrar significado na meia-idade, para que a vida continue a ter sentido e brilho; e a última autora apresenta uma concepção de como a reinvenção pode acontecer na prática, experimentando novas formas de estar no mundo.

4.2. Reinvenção de carreira como processo

Um dos autores que reflete sobre o tema da reinvenção de carreira é Bridges (2001). Ele próprio passou por isso. Após anos como professor de inglês na década de 70, fez a transição para a carreira de orientador de transição. Atendeu durante anos pessoas em processo de transição, e quando escreveu seu último livro ele havia passado por uma grande transição em sua vida pessoal, no caso, a morte da mulher.

Em seu *Way of transition* ele traz informações importantes sobre o processo de reinvenção. O primeiro ponto por ele abordado é que a mudança é um paradoxo: para se chegar à continuidade, é preciso buscar a mudança. “*Mudança é, de fato, a única forma de proteger seja lá o que existe, sem reajustes o presente não pode continuar*”. (Bridges, 2001, p. 1)

A recusa da mudança não garante que o que existe vai permanecer igual; para sobreviver, é necessário mudar: o casamento, a carreira, um sonho de futuro, todos eles serão destruídos se não houver mudança.

Bridges (2001) argumenta que depois de trabalhar 25 anos com indivíduos e organizações com problemas relacionados à transição, o que ele observou é que as pessoas resistem não à mudança, mas sim à transição. Mudança é alterar uma situação, ao passo que a transição, em contrapartida, é deixar ir as coisas como elas são no momento, e depois “pegar” o que vem na sequência. A parte caótica é aquela entre as duas pontas, é a zona neutra, onde as coisas não são como antes, mas também ainda não têm uma nova forma. Sem a transição, a mudança torna-se mecânica, superficial e vazia.

Assim, é importante passar pelas três fases do processo, sendo elas: terminar, zona neutra e começar de novo. Na fase do terminar/deixar ir, nos perdemos ou deixamos ir nosso antigo eu, nossa antiga realidade, nossas antigas atitudes, nossos antigos valores e nossa antiga autoimagem. Podemos em alguns momentos resistir ao “terminar”, buscando evitar sentimentos de incerteza e angústia, mas quando mergulhamos nessa fase podem surgir inclusive sentimentos como tristeza e raiva, além de perguntas e questionamentos do tipo: “O que está acontecendo comigo?”.

O autor pondera que antes de nos dedicarmos a algo novo, é necessário nos desligarmos do que é velho e passado. O término é difícil mesmo quando a transição é desejada ou vista como positiva, pois significa a perda dos atuais meios de autodefinição. Ou seja, o sujeito é levado a romper com a velha estrutura de vida, constituída por seus papéis sociais e cenários que forjavam suas atitudes e crenças. Essa etapa é composta por processos de desengajamento, desidentificação, desencanto e desorientação.

O desengajamento é a uma pausa das funções, atividades e definições das atividades anteriores. Significa a separação, o afastamento, o romper com sistemas de contingências ambientais que reforçavam os papéis e o comportamento. É a partir desse momento que o indivíduo poderá ver novas alternativas.

A desidentificação pode ser comparada com a perda do espelho, é como perder os meios atuais de autodefinição. Esse processo pode ser visto como uma forma de desengajamento, mas interno.

A terceira etapa é o desencanto, que é sinônimo descobrir que uma parte significativa de nossa realidade não está no mundo exterior, mas existia somente em nossas fantasias, crenças e pressuposições que acabam de ruir. Portanto, acreditar em algo, seja na amizade fiel, no amor sincero, na ética e justiça das instituições, ou mesmo na integridade e coerência da própria personalidade, é um precursor necessário da possibilidade do desencanto. Nesse momento nos damos a chance de olhar para as camadas mais profundas das nossas convicções. É importante compreender que a visão antiga foi útil, mas já não é mais suficiente. Se isso não acontecer, uma desilusão provocará uma paralisia.

A última etapa é a desorientação, momento em que o indivíduo está sem metas e planos, ou seja, sem objetivos, sem projetos. Os eventos que antes o preenchiam passam a não ter valor, e um sentimento de vazio e alienação só será superado pela esperança.

Passado o estágio do término dessa fase, o próximo passo ocorre quando nos encontramos na zona neutra, entre o antigo e o novo, onde não somos nem um nem outro. Esse é um estado confuso, um tempo no qual sentimos que a vida se foi. Misturamos sinais, alguns do novo eu e outros do antigo eu, nada está muito claro. É um momento no qual nada é sólido, em que sentimos que tudo pode acontecer. Mas esse também pode ser um tempo criativo, de explorar novas atitudes frente à vida.

Bridges (1999) citou três razões para a existência da zona neutra. A primeira delas é que o processo de transformação é essencialmente uma morte e um renascimento, e não uma modificação mecânica na qual uma peça é reparada ou trocada. Em segundo lugar, só com o retorno ao caos e ao vazio é que um processo de renovação genuína pode acontecer. E por fim, essa experiência trás a possibilidade de acesso a um ângulo de visão que não poderia ser obtido de outra maneira. Tais aspectos vão preparando o indivíduo para a fase seguinte.

A última parte do processo de transição acontece quando tomamos posse de uma nova realidade/novo começo, de um novo eu, com atitudes novas e uma nova autoimagem. Quando sentimos isso, é como se um novo capítulo começasse em nossas vidas. Não importa o quanto era impossível ver o futuro mais cedo, sentimos a vida nos trilhos, novamente. Um novo senso de propósito e possibilidade se apresenta. *“O processo de transição envolve um realinhamento interno e uma*

renovação de energia, e ambos dependem da imersão no caos da zona neutra”.
(Bridges, 1999, p. 136)

Brigdes (2001) aponta a importância dos rituais de passagens nesses momentos de grandes mudanças na vida do indivíduo. Eles são vividos com maior propriedade em algumas tribos ou em regiões orientais, e são formas de a pessoa se desapegar da sua antiga identidade e achar outra nova. Todas as experiências de rito de passagem começam com um terminar/deixar ir, onde as pessoas são separadas dos seus antigos mundos e identidades que tinham naquele mundo; inclusive de como foram ensinados a pensar sobre a realidade. E esse tipo de ritual sempre acaba com a re-incorporação desses indivíduos em suas novas identidades e nova forma de ver o mundo. No intervalo entre separação e re-incorporação, as pessoas são levadas a lugares selvagens que representam a zona neutra.

Brigdes afirma ainda que as transições podem acontecer de forma reativa e desenvolvimentista. Reativa quando uma mudança externa ocorre e temos que nos adaptar a ela: uma morte, uma doença ou uma demissão. A transição é uma reação à mudança. A desenvolvimentista não é gerada por um fator externo, ela é uma produção natural, quando internamente algo já não está mais adequado ou “cabendo” em nossas vidas. A transição na adolescência é desenvolvimentista; também o é a crise da meia-idade, onde há uma profunda mudança de como vivenciamos o mundo.

No fim, transição é uma maneira de falar da própria vida e naturalmente nos remetemos à “Jornada”. Muitas pessoas que dão suporte na arte de viver, falam de como lidar com as coisas de forma linear e racional, mas para Bridges (2011) lidar com a transição dessa forma é melhorar a paisagem cortando todas as árvores e deixando apenas um gramado liso.

A vida não é como um jogo de futebol americano, onde temos um oponente e vamos avançando de forma linear a chegar ao gol; a vida está mais para uma partida de baseball, que acontece em volta de uma base e os pontos são marcados em ciclos, o tempo não é marcado pelo relógio, mas sim pelo que acontece no campo. O movimento da vida também é circular, não é mecânico e linear. Começamos e acabamos no mesmo lugar e os créditos são dados a partir da corrida da base. O que dita esses movimentos está além da nossa compreensão. E muitas vezes, para ir adiante somos forçados a deixar de lado o que nos levou até aquele momento.

Deixar ir faz-nos ficar em um mundo selvagem e árido por um tempo, até podermos promover um novo começo.

4.3. Encontrando significado na reinvenção de carreira

Hollis (2011) analista junguiano, fala sobre encontrar significado na segunda metade da vida, aponta o quanto é importante para a plenitude da vida, ter um significado na vida e no trabalho. Ele descreve que nessa fase da vida podemos nos sentir em uma floresta escura, descobrimos que estamos vivendo a vida de outras pessoas, cujos valores direcionam nossas escolhas. Dante Alighieri começou a sua famosa descida aos infernos com reconhecimento que na primeira metade da vida caminhava rumo a uma floresta escura. Nunca estamos preparados para essa parte da jornada que é passar pelo lado escuro da vida, onde encontramos períodos de confusão, desorientação, tédio, depressão e desapontamento – conosco e com os outros – e os planos que havíamos feito há muito tempo caem por água.

Em seu livro, Hollis aponta duas histórias reais que trazem esse conteúdo:

Considere esta história verdadeira: um homem passou a vida toda em um ambiente acadêmico e serviu de maneira brilhante à vida intelectual. Agora, aposentado, caiu em depressão, porque não tem mais para onde direcionar sua energia nem valores aos quais servir; não sabe quem é fora da vida acadêmica, do papel desempenhado em seus comitês e tarefas de ensino [...] há também uma mulher de 38 anos que chegou à posição de gerente de departamento de vendas de uma empresa de instrumentos médicos na qual trabalhava. Ela lia um livro enquanto voava do aeroporto internacional JFK (em Nova York) para o aeroporto de Denver e, em algum lugar sobre Nebraska, um pensamento espantoso surgiu em sua mente: odeio a minha vida. Essa executiva sempre identificara a própria vida com a realização de seus objetivos profissionais, mas a partir daquele momento, a 39 mil pés de altitude, percebeu que vinha caminhando sobre a crosta incerta da depressão. (Hollis, 2011, p. 15).

A alma pede por significado, significado este que transcende a nossa estreita estrutura de compreensão consciente. Logo nas primeiras páginas do livro, Hollis aponta quais são as perguntas propostas a quem está vivenciando a segunda metade da vida:

O que o trouxe a este lugar em sua jornada, a este momento da vida?

Que deuses, forças, família e ambiente social forjaram sua realidade, talvez a apoiado, talvez restringido-a?

A vida de quem tem vivido?

Por que a vida parece um desapontamento, uma traição, um fracasso de expectativas?

A vida parece um script escrito em outro lugar, sobre o qual você mal foi consultado, se é que foi?

Por que você chegou a este livro, ou por que ele foi chegou até você?

Por que a idéia de sua alma o inquieta e lhe soa familiar, como uma companhia perdida há muito tempo?

A vida que você está vivendo é pequena demais para o desejo de sua alma?

Por que agora é o momento, se alguma vez isso aconteceu, de responder à intimação da alma para viver uma segunda vida maior?

(Hollis, 2011, introdução do livro)

As perguntas feitas acima são para as questões da vida em geral, mas podemos direcioná-las para a vida profissional. As reflexões nos apontam se nossa alma está sendo alimentada, se o que nos propomos como carreira nos traz significado e nos preenche, ou são reflexos dos falsos deuses de nossa cultura – poder, materialismo, hedonismo e narcisismo – sobre os quais nós projetamos nosso anseio por transcendência e que somente estreitam e diminuem nossa visão da vida.

A escolha do caminho com consciência é um caminho com crescimento, para que possamos atender ao chamado da alma. Esse é o caminho da individuação. Hollis, em seu texto, compara esse processo com a lenda medieval da procura do Graal:

Na lenda medieval, os cavaleiros, tendo visto o Graal, e intuindo que ele simbolizava a busca de cada indivíduo por significado, aceitaram o desafio e começaram a descida pela floresta escura. Mas o texto nos conta que cada um escolheu um local separado de entrada, 'onde não houvesse nenhum caminho, por que era vergonhoso tomar o caminho de outra pessoa tivesse trilhado antes. Sua jornada é a sua Jornada, não a de qualquer outra pessoa. Nunca é tarde demais para recomeçá-la'. (Hollis, 2011, p. 28)

Hollis nos propõe também reflexões sobre trabalho e vocação, carreira e *vocatus*. Se durante parte da vida tivemos de corresponder às necessidades da

realidade econômica, ou às vozes internalizadas dos pais ou da cultura, na meia-idade há o despertar que somos mais que animais econômicos e ir de encontro ao que ele chamou de vocação, que vem do latim, nosso chamamento, aquilo que o espírito exige. O autor afirma que podemos escolher carreira, mas não vocações. “A vocação é que nos escolhe. Escolher o que nos escolhe é uma liberdade.” (Hollis, 2011, p. 28)

Muitas vezes, permanecemos a serviço da pauta de objetivos da primeira metade da vida, quando a alma já progrediu para a pauta da segunda. Na primeira metade da vida existe lugar para a ambição, para poderes impulsionadores do ego, que nos compelem a derrotar nossos medos e dar um passo dentro do mundo. Como temos visto, a principal tarefa da primeira metade da vida é construir um senso de ego forte o suficiente para reunir relacionamentos, expectativas de papel social e se sustentar: mas todos caímos numa superidentificação do ego e nesses variados papéis. (Hollis, 2011, p. 157)

Atualmente, a economia tem um peso grande na sociedade e o trabalho, apesar de ser uma forma de sustentar nossa existência material, tem também uma carga invisível maior de prover nossas vidas de significado e energizar nossos espíritos. Segundo o autor, na meia-idade muitos descobrem que o trabalho lhes traz desconforto, os deixam ansiosos e lhes drenam energia.

O ego tende a preferir a segurança acima do desenvolvimento, e acaba com coisa nenhuma. Somente a cisão entre segurança e risco é suficientemente dolorosa quando não podemos mais medicá-los ou ignorá-los, e é então que começamos a nos abrir para outras possibilidades.

Jung concluiu: “*Não podemos viver o entardecer da vida de acordo com o programa do amanhecer – porque o que foi grande e manhã será pequeno a noite, e o que era verdade de manhã terá se tornado mentira a noite*” (apud Hollis, 2011, p. 159).

Na segunda metade da vida, o ego é periodicamente convocado a abrir mão de suas identificações com os valores dos outros, valores recebidos e reforçados pelo mundo a nossa volta. Ele terá de enfrentar solidão e não dar ouvidos ao mundo lá fora e nem aos complexos. Para crescer terá que se submeter ao verdadeiramente maior. Se alguém se envolver em um trabalho é por que ele é significativo, se não for assim muda.

A vocação, mesmo na mais humilde das circunstâncias, é uma intimidação ao que é divino. Talvez seja a divindade em nós que deseje estar em conformidade com uma divindade maior. No final das contas, nossa vocação é nos tornarmos nos mesmos, em nossas milhares de variações. E quão facilmente esse convite é confundido com os confortos do ego e seus (*sic*) identificação com os complexos declarados do nosso tempo! (Hollis, 2011, p. 162)

Hollis faz a provocação de dizer que para realizar a personalidade como vocação sempre é necessária rendição, submissão ao maior. Temos necessidade de transcender o ego e ir em direção à cooperação, porém não mais a minha vontade, mas a nossa. É o ego servindo a alma. *“Quando a consciência é forte o suficiente para empreender a tarefa da submissão e do dialogo honesto com a alma, então a pessoa experimentará a cura, e saberá a diferença entre emprego e chamado, carreira e vocação.”* (Hollis, 2011, p. 162).

4.4. A reinvenção de carreira na prática

Ibarra (2009), no livro sobre identidade de carreira, defende que a chave para a reinvenção é a experiência. A autora apresenta uma proposta que foge do senso comum, segundo o qual precisamos “saber” o que queremos para depois agir. Ela afirma que o “saber” é consequência do agir e do experimentar. A transição de carreira não é um caminho em linha reta que nos conduz a uma identidade pré-determinada, mas assemelha-se a uma estrada sinuosa ao longo da qual testamos múltiplas das possíveis identidades que podemos assumir.

A autora aponta também que como o processo de individuação a transição de identidade profissional é um processo que se inicia identificando as possíveis identidades, em seguida o indivíduo fica “entre identidades”, para só então acontecer a mudança profunda.

Gostamos de pensar que podemos saltar diretamente de um desejo de mudança para uma decisão simples que realizará nossa reinvenção. Em função disso, permanecemos ingênuos em relação ao longo e fundamental período de testes, quando nossas ações transformam (ou não transformam) confusas e indefinidas possibilidades em escolhas concretas que podemos avaliar. Essa fase de transição é indispensável por que desistimos de uma carreira sólida na qual investimentos muito em nos mesmos, a

menos que tenhamos consciência das alternativas. (Ibarra, 2009, p. 15).

O início do processo passa por explorar novas identidades, questões profundas quanto à forma de atual de ser é questionado e novas alternativas são levantadas: Quem eu poderia ser? Quais as possibilidades? Muitas vezes os papéis assumidos até o momento já não fazem mais sentido, estão ultrapassados e o indivíduo questiona quais são as outras identidades que carrega, e que poderia experimentar.

O segundo passo é testar as novas possibilidades, tanto a nova quanto a velha. Quais dentre as possibilidades levantadas eu posso experimentar neste momento? Nesse momento, ocorre também um processo de desapego em relação à identidade antes exercida. A mudança não ocorre repentinamente, mas sim um passo de cada vez. As máscaras que serviram para sobreviver até então passam a gerar incômodo.

O último passo são os resultados: ocorre uma mudança externa, na qual acontece efetivamente a troca de carreira; e também se dá uma mudança interna, onde acontece a grande congruência entre o que somos e o que fazemos.

Para Ibarra (2009), a identidade profissional é uma prática: um processo com a finalidade de nos colocar frente a novas experiências e reconhecer possíveis traços da nossa personalidade. Não é ficar em casa refletindo sobre o que seria melhor.

O processo aconteceria da seguinte forma, na vida prática: inicialmente, fazer experimentos. Nesse item, ela nos fala de experiências concretas, como testar novas atividades e papéis profissionais em menor escala, antes de assumir o compromisso de optar por um caminho diferente. Na psicologia junguiana poderíamos dizer que esse é o momento em que o indivíduo sai da fantasia e experimenta a nova realidade, saindo da mera idealização.

O segundo momento é trocando conexões, mudando as pessoas com as quais se está acostumado, desenvolver contatos que possam abrir portas para novos mundos; encontrar modelos e novos colegas para nos guiar e servir de parâmetro para o progresso pessoal.

E, por fim, reinterpretar a vida a partir de uma nova lente, encontrar ou criar catalisadores e acionadores de mudanças e usá-los como ocasiões para desenvolver nossa história.

No último ponto levantado, a autora sugere estratégias não convencionais para nos tornarmos nós mesmos. Como no processo de individuação, esse caminho também consiste em um longo processo de questionamento e aceitação entre o que somos e o que fazemos. Ao fazer importantes mudanças de carreiras, ou seja, de vida, exige que passemos por longas situações de dúvidas e incertezas.

A auto-renovação exige mudar um pouco e ficar um pouco. O tipo de reinvenção considerada aqui não é uma forma reforma completa da personalidade; é um processo e uma prática que nos permite retomar contato com as identidades esquecidas, reordenar prioridades e explorar interesses de longa data ou recém-descobertos. Como em muitas viagens de descoberta, os pontos de chegada nunca são totalmente como imaginávamos e raras vezes são aqueles que mapeamos no começo. (Ibarra, 2009, p. 227)

É como ir de encontro ao si mesmo, entrar em contato com aspectos da sombra que trazem também as potencialidades e possibilidades criativas que há muito estavam fora de foco.

A autora aponta nove estratégias não convencionais para reinventar sua carreira. Segue abaixo uma breve descrição de cada uma delas.

Estratégia não convencional 1: Procure agir em busca de uma nova forma de pensar e agir. Você não pode descobrir-se pela introspecção. A proposta é tentar novos caminhos, experimentar coisas novas, fazer parte de um novo contexto e ambiente e depois disso refletir o que sentiu e pensou a respeito.

Estratégia não convencional 2: Pare de tentar encontrar seu self verdadeiro. Concentre sua atenção em qual dos seus muitos eus possíveis você deseja testar e aprender mais sobre. Nesta estratégia, Ibarra propõe não focar em encontrar apenas uma verdadeira identidade; ela sugere que além de refletir, o indivíduo esteja aberto a outras possibilidades. Vivendo essa condição no mundo real, podemos observar nosso comportamento e ajustar nossas expectativas.

Estratégia não convencional 3: Permita-se um período de transição em que é bom oscilar entre segurar e deixar ir. Melhor para se viver as contradições do que

chegar a uma resolução prematura. Os anos nos quais antecedem a mudança de carreira, necessariamente, envolvem dificuldades, conflitos, confusão e incerteza. Uma das tarefas mais difíceis de reinvenção é manter o rumo quando a pessoa se sente que está se perdendo. Sempre demora um tempo, para se deslocar de antigo para o novo.

Estratégia não convencional 4: Resista à tentação de começar por fazer uma grande decisão que irá mudar tudo de uma só vez. Use uma estratégia de pequenas vitórias, em que ganhos incrementais levam a mudanças mais profundas nas premissas básicas que definem o seu trabalho e vida. Aceite o caminho tortuoso. Ao invés de buscar apenas uma resposta certa, que trará todas as soluções para o seu dilema, esqueça o movimento em linha reta. O indivíduo fará movimentos em círculos, usando o que aprendeu como base para o ciclo seguinte.

Estratégia não convencional 5: Identificar projetos que podem ajudar você a ter a ideia de uma nova linha ou estilo de trabalho. Tente fazer isso como atividades extracurriculares ou caminhos paralelos para que você possa experimentar a sério, sem assumir um compromisso. É interessante separar uma parte da agenda para projetos e atribuições temporárias e paralelas e depois analisar o quanto estão alinhados com o que busca nessa nova fase.

Estratégia não convencional 6: Não basta se concentrar no trabalho. Encontrar pessoas que são o que você quer ser e que podem fornecer suporte para a transição. Mas não espere encontrá-los em seus mesmos velhos círculos sociais. Esta estratégia exige que o indivíduo rompa com a atual estrutura, separe-se e vá em busca de uma nova rede.

Estratégia não convencional 7: Não espere por um momento cataclísmico, de verdade revelada. Use ocorrências diárias de encontrar um significado nas mudanças que você está passando. Pratique contando e recontando sua história. Com o tempo, ele vai esclarecer. Transições de carreira costumam de três a cinco anos. A grande virada acontece no final do processo, mas use cada acontecimento para reconsiderar aspectos da vida. É indicado recontar a sua história para vários grupos e ir re-significá-la sempre que necessário.

Estratégia não convencional 8: Passo para trás. Mas não por muito tempo. Quando não estiver conseguindo caminhar adiante, dê um tempo, mas não muito longo, pois é a partir da participação ativa no mundo real que nos descobrimos.

Estratégia não convencional 9: A mudança acontece em repentes e recomeço. Há momentos em que você está aberto a grande mudança e momentos em que não está. Aproveite as oportunidades. É preciso estar atento aos movimentos que estão à nossa volta, janelas de oportunidade abrem e fecham de volta novamente. Em alguns momentos, estamos mais receptivos e em outros mais fechados, não se apegue a velhas rotinas e tente sempre focar nas oportunidades.

A visão de Ibarra (2009) vai além da teoria, além do planejar, além do olhar para nosso interior. Ela fala de como colocar em prática a mudança e nos aponta tudo que envolve uma reinvenção de carreira (sentimentos, valores, conhecimento, felicidade...) e qual a diferença de ficar sentado esperando uma reinvenção e ir em busca da felicidade. Ela propõe que sejamos autores da nossa própria história e não somente expectadores.

Os autores que apontamos neste capítulo nos falam sobre um processo de mudança de carreira, que envolve movimento, busca e compromisso. Não apenas um acontecimento linear, racional e com diretriz: a proposta é um olhar mais voltado para a jornada da vida, com seus encontros e desencontros, de dinâmica dialética, de força e impacto, não um mero olhar mecânico e pragmático. É percorrer o caminho e aprender a cada novo trajeto, fazer os ajustes necessários, não desistir diante das dificuldades e angústias, mas seguir em frente.

ÍTACA

Quando, de volta, viajares para Ítaca,
roga que tua rota seja longa,
repleta de peripécias, repleta de conhecimentos.
Aos Lestrigões, aos Cíclopes,
ao colérico Poseidon, não temas:
tais prodígios jamais encontrará em teu roteiro,
se mantiveres altivo o pensamento e seleta

a emoção que tocar teu alento e teu corpo.
Nem Lestrigões nem Cíclopes,
nem o áspero Poseidon encontrarás,
se não os tiveres imbuído em teu espírito,
se teu espírito não os suscitar diante de si.

Roga que sua rota seja longa,
que, múltiplas se sucedam as manhãs de verão.
Com que euforia, com que júbilo extremo
entrarás, pela primeira vez num porto ignoto!
Faze escala nos empórios fenícios
para arrematar mercadorias belas;
madrepérolas e corais, âmbar e ébanos
e voluptuosas essências aromáticas, várias,
tantas essências, tantos aromatas, quantos puderes achar.

Detém-te nas cidades do Egito – nas muitas cidades –
para aprenderes coisas e mais coisas com os sábios zelosos.
Todo o tempo, em teu íntimo Ítaca estará presente.
Tua sina te assina esse destino,
mas não busques apressar sua viagem.
É bom que ela tenha uma crônica longa duradoura,
que aportes velho, finalmente à ilha,
rico do muito que ganhares no decurso do caminho,
sem esperares de Ítaca riquezas.
Ítaca te deu essa beleza de viagem.
Sem ela não a terias empreendido.
Nada mais precisa dar-te.
Se te parece pobre, Ítaca não te iludiu.
Agora tão sábio, tão plenamente vivido,
bem compreenderás o sentido das Ítacas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desta jornada em escrever sobre a transição de carreira na metanoia sob um olhar junguiano, faz-se necessário, neste ponto, um resgate dos objetivos propostos no início deste trabalho, ali focalizados em quatro itens principais: (1) caracterizar o pano de fundo da reinvenção de carreira que é o significado trabalho; (2) refletir sobre o tema pela perspectiva analítica; (3) sugerir um novo olhar para a ligação entre a transição profissional na meia-idade e a metanoia, como processo integral do indivíduo e, por fim, (4) gerar dados que possam servir de ferramental para profissionais que acompanhem o indivíduo nessa fase de redirecionamento.

Nessa direção, o trabalho desenvolvido buscou caracterizar:

(1) Pano de fundo significado do trabalho:

Passamos pelos diversos significados ao longo da História, desde um significado ligado mais ao sofrimento e ao castigo, como no mito de Sisifo até a visão mais positiva do trabalho pela visão de Arendt (2006) como forma de se desenvolver e buscar realização.

Apontamos o pano de fundo da transição de carreira na metanoia na sociedade contemporânea, caracterizada pelo materialismo, o culto a imagem e juventude e ainda a recorrente preocupação em “TER/PARECER TER”, no lugar de “SER”.

Vivemos atualmente a sociedade do espetáculo, do desempenho. Como é envelhecer, nesse contexto? E como é envelhecer no contexto profissional? Assim como envelhecer tem sua sombra e sua luz, outras estações da vida também têm suas alegrias e suas dores. Ser adolescente e jovem também tem suas inseguranças, seus conflitos e ‘grilos’. O processo de envelhecer que se inicia na meia-idade é um processo vital da construção singular de cada um de nós, onde cada um viverá segundo suas escolhas. “O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronto”, já dizia Drummond.

(2) Olhar junguiano:

Outra consideração a fazer diz respeito ao olhar junguiano sobre a reinvenção de trabalho na meia-idade, é a noção de processo e que este acontece paralelo ao próprio processo de individuação.

Também é significativa a percepção do impacto da metanoia na transição de carreira, pois neste momento há a mudança de foco externo para o interno; acontece também a tomada de consciência com a possibilidade de resignificar suas escolhas e caminhos.

Em suma, a reinvenção de carreira é um momento de alinhar, tanto quanto possível o que “somos” e o que “fazemos”. É abandonar as máscaras para viver em maior harmonia com o si-mesmo. (tornar o si-mesmo). É o momento em que somos chamados a realizar mais completamente nosso potencial, tornando-nos “nós mesmos”, por meio da atenção à riqueza das possibilidades do nosso universo interior.

(3) Visão da reinvenção, por diversos autores:

As visões dos diversos autores contemporâneos complementam a contribuição para os profissionais – psicólogos, orientadores profissionais e *coachs* – que apóiam no redirecionamento de carreira.

O processo de transição apontado por Brigdes (1999) envolve fases marcantes: primeiro o deixar ir/ desapegar da antiga autoimagem, a zona neutra e toda a sua insegurança e angústia e, por fim, a identificação e investimento na nova autoimagem. Alinhado com a idéia de processo da psicologia junguiana, esse autor cita três razões para a existência da zona neutra. Em primeiro lugar, o processo de transformação é essencialmente uma morte e um renascimento, e não uma modificação mecânica na qual uma peça é reparada ou trocada. Em segundo, somente com o retorno ao caos e ao vazio é que um processo de renovação genuína pode acontecer. E por fim, essa experiência trás a possibilidade de acesso a um ângulo de visão que não poderia ser obtido de outra maneira.

Converge nesse mesmo sentido a visão de Hollis (2011) sobre a importância de encontrar significado na segunda metade da vida. A proposta dele é que na segunda metade da vida devemos nos desapegar de papéis que não nos

preenchem mais, para irmos em busca do que realmente traz significado a nossa alma.

A alma (*anima, alma, âme, Seele, psique*) é simplesmente a palavra para nosso sentido intuitivo de uma presença além do ego, maior que ele, e algumas vezes em conflito com ele. A alma é um arquétipo do significado e o agente da completude orgânica. Esta idéia pode ser intimidante para a consciência do ego, porque aqui está algo além do seu controle. Como Jung recorda: 'Não sou eu que crio a mim mesmo, eu aconteço a mim mesmo'. (Hollis, 2011, p. 259).

Assim, a reinvenção de carreira tem pouco a ver com controle e muito mais com resgatar uma alma que foi muitas vezes posta de lado pelas escolhas adaptativas da consciência e que pode ser recuperada na idade adulta, se estivermos dispostos a nos abrir a ela. Hollis faz a pergunta fundamental, sobre o desejo de nossa alma poder ser contida por uma vida pequena demais. "A vida que você está vivendo é pequena demais para o desejo da sua alma?" (2011, Introdução) Essa é a provocação que estará em pauta, ao se encontrar significado na reinvenção de carreira.

E, por fim, a contribuição prática de Ibarra (2002) apontando as estratégias não convencionais, para fazer a reinvenção acontecer na vida cotidiana e não apenas na reflexão. O olhar da autora nos faz refletir sobre a reinvenção de carreira não somente como substantivo, mas também como verbo. É sermos autores da nossa própria busca. É colocar em prática um conjunto de autopercepções em transição, que foi elaborada como "projetos de trabalho", revisar e atualizar essas possibilidades, permitindo que cresçam em contorno e detalhes, até que surja uma nova identidade profissional totalmente fundamentada. Após a longa jornada percorrida para compreender o que está por trás da reinvenção de carreira na meia-idade, é possível responder à pergunta do que ocorre com o indivíduo que se mostra insatisfeito: com o alto cargo alcançado, com o papel exercido com o poder, com o conhecimento adquirido e respeitado por muitos, com liderança exercida sobre um grupo, com a dedicação de uma vida toda a uma ideia ou pessoas, com o resultado de uma longa pesquisa, com o nome construído... com muitos outros exemplos de "lugares ao sol" construídos ao longo de uma vida, lugares que já não preenchem mais.

Esse indivíduo está inserido em uma estrutura de vida que não tem mais significado, para ele: as dinâmicas de trabalho que já não funcionam, ambientes institucionais que deixaram de dar prazer, relações estabelecidas que não trazem mais significados, papéis e valores que se tornaram ultrapassados. Assim, a metanoia chega, e chega para tirar o indivíduo da sua zona de conforto, para jogá-lo no mundo não mais externo, mas interno. Onde me encontro? Qual o sentido da minha vida?

O apoio profissional como o *coaching* ou terapia é vital para ajudá-lo a resignificar a sua história, na busca da reinvenção de carreira. Acompanhando o processo e apontando reflexões e questionamentos que possam ajudá-lo numa nova configuração profissional onde ele possa exercer seu potencial criativo. O profissional pode também apoiá-lo na construção de estratégias para fazer a transição da identidade antiga para a nova.

A reflexão e os questionamentos levam o indivíduo a uma tomada de consciência, capacidade esta de perceber o que está à sua volta, de jogar luz sobre determinados aspectos do self que devem passar pelo ego para serem integrados. Ao colocar luz sobre esta condição, deixamos de estar alienados – separados de nós mesmos –, para acessar o potencial energético do si-mesmo. O self como sol organiza os demais arquétipos e suas atuações nos complexos e na consciência, e une a personalidade.

Passar pela metanoia com uma reação evolutiva – aquela que expressa a inserção no processo vital do contínuo desenvolvimento, no sentido de estar sempre se renovando – e ter feito a transição de carreira, no sentido de estar mais alinhado com o seu mundo interno nos possibilita uma prática profissional que expressa nossa capacidade de ser mais pleno de si, de buscarmos integrar o fazer, o sentir e o pensar; uma capacidade de deixar que nossa energia flua de modo mais natural, com uma maior aceitação das coisas, pessoas e acontecimentos. É estar em paz com o que somos, sermos diferentes e em sintonia com a nossa chama interior, respeitando nossos potenciais distintos, e ao mesmo tempo nos sentindo profundamente iguais; uma capacidade de interagir mais pela experiência e menos pela necessidade de certeza, é articular mais dentro da realidade, do que é humano, de integrar os opostos e ver os dois lados da realidade além da capacidade de

mantermos interesses diversos na busca do sentido existencial, é buscar o sentido espiritual na sua vivência.

Jane Fonda (2011), em uma palestra sobre a envelhecer, nos propõe o TERCEIRO ATO ao invés da terceira idade, nos propõe repensar o paradigma que envelhecer é uma patologia e mudá-lo para Potencial. Em média, vivemos hoje 34 anos a mais do que nossos avós, e mesmo assim a sociedade ainda não reconhece o peso que isso tem. Ao chegar à meia-idade ainda teremos mais quatro décadas para viver e a pergunta que fica é “Como usar esse tempo?” “Como finalizar a minha história?” “Como eu devo viver?”.(Fonda, 2011, acesso em 15/05/2012).

É perder, para ganhar a si mesmo, é rever a vida e perdoar os outros e a si mesmo, é se liberar do passado voltando e re-significando o vivido. É chegar à meia-idade com sabedoria e autenticidade, com menos ansiedade e estresse e mais bem-estar. Viktor Frankl (1991), em seu livro sobre a busca do sentido, afirma que “[...] *Pode-se tirar tudo de um homem, exceto uma coisa: a última das liberdades humanas – escolher a própria atitude em qualquer circunstância, escolher o próprio caminho.*” (Acesso em 15/05/2012).

A ideia de sempre nos renovarmos nos remete à criança evocada por Nietzsche (2000), podendo na associá-las às das metamorfoses da alma – camelo, leão e criança, e as três reações possíveis diante do envelhecimento (negativa, involutiva e evolutiva): o camelo, aquele que carrega, que suporta todos os valores, à reação negativa; a dinâmica do leão, o que tudo pode, à reação involutiva; e a dinâmica da criança, a que se renova e cria, à reação evolutiva.

No processo de individuação, entre os vários eixos do desenvolvimento psíquico, encontra-se o eixo criança/velho, as duas dinâmicas trazem aspectos positivos e negativos. Na criança encontramos: espontaneidade, curiosidade, liberdade, mudança, pressa, fantasia tanto quanto irresponsabilidade, desligamento da realidade, onipotência...; no velho encontramos: compreensão, lentidão, sabedoria, tanto quanto rigidez, impotência, negatividade... Vivenciar o arquétipo da criança na reinvenção de carreira pode nos distanciar dos aspectos negativos do velho senil.

A criança expressa uma referência de conquista e liberdade. Representa, assim, uma fase de mais plena criação, de inocência, do esquecimento, da curiosidade, da espontaneidade. Expressa o

começo e o fim, um começar de novo, um sagrado sim a si-mesmo e à vida. Impera o eu crio, e isso possibilita uma ligação visceral com a alegria. (Monteiro, 2008, p. 76).

A reinvenção areja, traz novos elementos, novas possibilidades, presença e encontro. Integridade e potência, energia para a realização. Movimento e criatividade são aspectos do encontro com a nova identidade, com o novo eu. É como um reencontro com o eu, muitas vezes abandonado na adolescência, frente às exigências do mundo social. Ao mesmo tempo que é o novo que se reinventa, é também o reencontro com o antigo, perdido. É um momento de realização e de mais disponibilidade para o mundo e suas experiências. É o momento de enriquecer.

Talvez possamos dizer que nossa maior responsabilidade é sermos o que e como somos; é nossa responsabilidade, é nosso livre-arbítrio alcançarmos a plenitude da nossa identidade. Cada um de nós escolhe como quer viver e, conseqüentemente, como quer envelhecer; a escolha sempre será nossa responsabilidade, ninguém pode decidir por nós. Aliás, isso pode acontecer, quando cedemos ao outro o domínio de nossas vidas: o alerta vem de Nietzsche, quando diz que só pode obedecer a outrem quem não pode obedecer a si mesmo. *Assim, escolha e responsabilidade são sempre nossas.*

Segundo Jung, na última fase da vida os valores espirituais e culturais se tornavam muito mais importantes; ele acreditava que um objetivo espiritual transcende o indivíduo puramente natural e esse olhar seria essencial para a própria saúde da alma. Ele propunha que, por meio da vida dos sonhos e das fantasias, a pessoa pudesse descobrir seu *daimon* interior, seu espírito-guia, sua vocação e seus valores mais sinceros. (Staube, 1981)

Há um mito grego, resumido abaixo, que nos traz a imagem desse *daimon*.

As almas em seus carros alados, quando antes de encarnar, chegam a um grande descampado, dão uma olhada para o alto. Contemplam em seus pedestais, a Justiça, a Beleza, o Pensamento, a Temperança, o mundo das idéias eternas e imutáveis, que ficam na "planície da Verdade", diz Platão. Logo em seguida, elas escolhem o que vai ser a "sua vida efêmera", à qual permanecerão ligadas por obra de Necessidade. Deusa caprichosa, ela, que tece seu fuso, e suas filhas, as temidas Moiras, cortam o fio da existência quando querem. Bebendo no rio do Esquecimento, prossegue o mito, perdemos a memória dessa escolha inicial de nossas almas – sem culpa nem responsabilidade de ninguém mais

–,cujo vínculo permanece no *daimon*, nosso guia e destino ao mesmo tempo. (Acesso em 16/05/2012).

O próprio Jung vivenciou a metanoia com intensidade e soube, através da sua experiência pessoal, seguir seu próprio caminho. O distanciamento de Freud e dos psicanalistas possibilitou uma prática onde o paciente vem em primeiro lugar, antes de qualquer estrutura conceitual ou teoria científica. Ele reconhecia que cada vida é completamente singular e peculiar, e que ao mesmo tempo cada um de nós experimenta o padrão de vida humano, que se repete inúmeras vezes – uno e universal, algo que liberta e leva serenidade que podemos perceber nas memórias do Jung tardio:

Minha vida é o que realizei, o meu trabalho científico; ambos são inseparáveis. O trabalho é expressão do meu desenvolvimento interior; por que o compromisso com o conteúdo do inconsciente forma o homem e produz suas transformações. Meus trabalhos podem ser vistos como pontos de parada ao longo do caminho da vida. Todos os meus escritos podem ser considerados tarefas impostas pelo interior; sua origem foi um impulso decisivo. O que escrevi foram coisas que surgiram a partir de meu íntimo. Permiti que o espírito que me incitou se expressasse. Uma pessoa criativa tem pouco poder sobre a sua própria vida. Ela não é livre. É cativa e dirigida pelo seu *daimon*. O *daimon* da criatividade fez comigo tudo o que quis... Fui impelido a dizer o que ninguém quer ouvir. Estou satisfeito com o rumo de minha vida... muita coisa poderia ter sido diferente, se eu próprio tivesse sido diferente. Mas tudo aconteceu como tinha de ser; pois tudo aconteceu, porque sou como sou. (Jung *apud* Staube, 1981, p. 121)

Essa permissão que damos ao *daimon* de se expressar com criatividade pode ser descrita com maestria na frase de Cervantes, em *Dom Quixote*: “*Eu tirei o máximo de mim mesmo. Essa é a melhor vitória que pode se desejar.*”

O terapeuta ou *coaching* que estiver acompanhando o indivíduo na sua reinvenção pode ajudá-lo na escuta do seu próprio *daimon* – espírito-guia na busca da realização do que lhe é mais íntimo e singular.

Eu diria que o olhar junguiano nos traz algumas contribuições para lidar com os indivíduos adultos que estejam passando por esse momento. Primeiro, por ter uma perspectiva do ciclo vital, diferencia as transições da vida em adolescência, meia-idade e transição da vida adulta para a velhice. Aponta que no caso da metanoia a tarefa é integrar e a síntese do self; segundo, a perspectiva cultural

comparativa. Em Jung cada personalidade se desenvolve dentro de tradições e contextos culturais, assim a contextualização do ambiente sociocultural do indivíduo envolvido no processo é importante para a compreensão. Terceiro, a perspectiva dialética, que possibilita o desenvolvimento e transformação da energia psíquica como resultado das interações entre as polaridades.

Como quarta contribuição, podemos apontar a perspectiva dos sistemas holísticos, que considera o cliente/paciente na sua totalidade, envolvendo seus padrões físicos, emocionais, cognitivos, sociais e espirituais. O organismo individual constitui uma parte integral de sistemas mais amplos, que se interdependem e se interagem.

E em especial a perspectiva prática, que considera cada pessoa de forma global, no contexto dos seus mundos familiares e sociais. É compreender a alma humana com a qual estamos nos relacionando naquele momento. É ajudá-la a conciliar a vida exterior – profissão, família e sociedade – com as exigências vitais da sua própria natureza, da vida interior.

A reinvenção de carreira na metanoia ao ser acompanhada com o olhar junguiano deve então conter conhecimentos sobre a teoria junguiana, o contexto de trabalho onde está inserido o cliente, as características envolvendo a transição. Mas, acima de tudo, deve ser um olhar PRESENTE e ATENTO ao ser humano que está ali sentado à sua frente, as teorizações e informações devem ser esquecidas e a relação de almas que ali se estabelece é que vai possibilitar a transformação e desenvolvimento de ambos.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.” (Jung, acesso 17/05/2012)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. *A Condição Humana*, 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

BREHONY, K. A., Crescimento e a busca pela inteireza, Disponível em < www.rubedo.psc.br/Artlivro/inteirez.html > Acesso em 11.12.2011.

BOCK, A. *et al. A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do psicólogo, 1995.

BOHOSLAVSKY, R. *Orientação Vocacional - A estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BRIDGES, W. *The way of transition, embracing life's most difficult moments*. Nova York: Da Capo Press, 2001.

_____. *Transition, making sense of life's changes*. Nova York: Perseus, 1999.

BUENO, Francisco da S. Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa. São Paulo: Lisa, 1988.

CAMUS A. *Le mythe de Sisyphé*. 1942. Disponível em: <www.classiques.uqac.ca/classiques/camus_albert/mythe_de_sisyphé/mythe_de_sisyphé.pdf>. Acesso em: 16 maio 2012.

CAMPELL, J.; MOYERS, The power of Myth, Nova York. Tradução brasileira: O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1998.

CAVALHEIRO, F. Metanoia e história: Conflitos e rupturas na meia-idade. In: MONTEIRO, D. M. R. (org.) *Metanoia e a meia idade, trevas e luz*. São Paulo: Paulus, 2008.

CORTELLA, M. S. *Qual a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CUNHA, B. M.; XAVIER, M. M.; VIDIGAL, A. *Na dúvida, ultrapasse. Orientação vocacional – um guia de profissões e de avaliação de personalidade, interesses, aptidões e valores com vistas à escolha profissional*. São Paulo, Coleção Aventura Humana, 1997.

DAIMON. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/Entrevis/entrhilm.html>>. Acesso em 16 maio 2012.

DEMO, P. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

ERICKSON, E. *Identidade, crise e juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FORTIM, I.; SPACCAQUERCHE, M .E. *Orientação Profissional, passo a passo*. São Paulo: Paulus, 2009.

FONDA, J. *Life is a third act*. < http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/jane_fonda_life_s_third_act.html> Acesso em: 15.05.2012

FRANKL, V. E. *Em busca do sentido*. Petrópolis: Vozes, 1991. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frases_de_viktor_frankl/>. Acesso em: 15 maio 2012.

FREUDENBERGER, H. J. Staff burn-out. *Journal of Social Issues*, 30 1974.

GARNER, H.; MÉDA, D. *La place du travail dans l'identité des personnes*. Disponível em: <http://www.cce-recherche.fr/fr/fiches_chercheurs/texte_pdf/meda/donn%E9essociales2006.pdf>. Acesso em: 15 maio 2012.

GUICHARD, J. Problemáticas e finalidade da orientação, formação profissional nº 26. *Revista Europeia*, 2001.

HOLLIS, J. *Encontrando significado na segunda metade da vida*. Osasco/SP: Novo Século, 2011.

HOLLIS, J. A passagem do meio: da miséria ao significado na meia idade. São Paulo: Paulus, 1995.

IBARRA, H. *How to stay stuck in the wrong career*. Harvard: HBS Press, 2002.

_____. *Identidade de carreira, a experiência é a chave para reinventá-la*. São Paulo: Gente, 2009.

JULIA, D. *Dicionário de Filosofia Larousse*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1991/2011.

JUNG, C. G. *L'Homme et ses symboles*. Paris: Robert Laffont, 1964.

_____. *L'Homme à la découverte de son âme*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1972.

_____. *Fundamentos da psicologia analítica*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Sur l'interprétation des rêves*. Paris: Albin Michel, 1998.

_____. Frases de Carl Jung. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/jung/>>. Acesso em: 17 maio 2012.

KAVÁFIS, K. *Ítaca*. Tradução de Haroldo de Campos. Disponível em: <<http://www.org2.com.br/kavafis.htm>>. Acesso em: 02 abr. 2012.

LEVINSON, D. *The seasons of men's life*. Nova York: Ballantine Books, 1978.

METANOIA. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Metanoia_\(psychology\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Metanoia_(psychology))>. Acesso em: 15 mar. 2012.

MOISES, C. P. Os 100 anos de Hannah Arendt. In: *Valor Econômico*, 14 de outubro de 2006.

MONTEIRO, D. M. R. (org.) *Metanoia e a meia idade, trevas e luz*. São Paulo: Paulus, 2008.

NIETZSCHE, F. *Assim falava Zarastustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SILVEIRA, N. *Jung – Vida e obra*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

STAUBE, J. R. *O desenvolvimento adulto de C.G. Jung*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

STEIN, M. *No meio da vida, uma perspectiva junguiana*. São Paulo: Paulus, 2007.

STEPHANIDES, M. *Prometeu, os homens e outros mitos*. 3ª ed. São Paulo: Odysseus, 2004.

WEBER, M. (1904) *L'Éthique protestante et l'esprit du capitalisme*. Paris: Plon, 1964.

ZUNKER, V. G. *Carrer Couseling, Applied concepts of life planning*. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole, 1994.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

DEMO, P. *Pesquisa e construção do conhecimento, metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

ERICKSON, E. *The life cycle completed*. Nova York: Norton, 1982.

FERRY, L. *A sabedoria dos mitos gregos – Aprender a viver II*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GOMES, C. F. *Novo modelo de intervenção em contexto de transição para a vida activa*, 2003. Disponível em:
<http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0140&area=d7&subarea=>. Acesso em: 15 abr. 2012.

IBARRA, H. *Working identity*, Harvard: HBS Press, 2004.

JÚLIO, C. A. *Reinventando você, a dinâmica dos profissionais e a nova organização*. Rio de Janeiro: Compacta, 2009.

JUNG, C. G. *Psicologia do inconsciente*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *O Homem e seus símbolos*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. *O eu e o inconsciente*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Sur les fondements de la psychologie analytique - Les conférences Tavistock*. Paris: Albin Michel, 2011.

LISBOA, M. D. *Orientação Profissional e o atual mundo do trabalho, a busca de um significado frente a um novo cenário*. Doutorado PUC, 2002.

MAGALHÃES, M. de O. *Personalidades vocacionais e desenvolvimento da vida adulta, generatividade e carreira profissional*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, 2005.

SCHEIN, E. *Identidade profissional*. São Paulo: Nobel, 1996.

SICILIANO, T. O. (2006) *Reinventando a si mesmo no fio da carreira, uma reflexão sobre as metamorfoses nas segundas escolhas profissionais*. Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro – Centro de pesquisa e documentação histórica – Programa de pós-graduação em história, política e bens culturais.

SOUZA, C. *Você é do tamanho de seus sonhos*. São Paulo: Gente, 2003.

TOURAINÉ, A. La qualification du travail, histoire D'une notion. *In: Jornal de psychologie normale et pathologique*, 1955, n. 13.